

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS - MG**

Instituto de Ciências da Natureza

Curso de Geografia Bacharelado

CID ARANTES MACIEL DE SOUZA

**INFLUÊNCIAS CULTURAIS E ECONÔMICAS PARA A  
FORMAÇÃO TERRITORIAL DO MUNICÍPIO DE CRUZÍLIA-MG**



Alfenas – MG

2019

CID ARANTES MACIEL DE SOUZA

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentada como parte dos requisitos  
para obtenção do título de Bacharelem  
Geografia pelo Instituto de Ciências da  
Natureza da Universidade Federal de  
Alfenas- MG, sob orientação do Prof.  
Dr. Flamarion Dutra Alves

ALFENAS

2019

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por toda luz e sabedoria. Aos meus pais Cidinho e Gilda (*in memoriam*), que apesar de todos os problemas os quais enfrentamos, nunca mediram esforços para me proporcionar tudo aquilo que eu precisei durante a caminhada acadêmica, principalmente amor. Ao meu padrinho Davi que em todos os momentos difíceis esteve junto comigo para me amparar. E por último, mas não de forma menos importante, agradeço à minha companheira Juliana, por todo amor e amparo em todos os momentos.

Na academia quero agradecer a todos os mestres e colegas por esta caminhada tão árdua. E agradeço principalmente ao Professor Dr. Flamarion Dutra pela paciência, compreensão e amizade para produção e conclusão do presente trabalho.

## RESUMO

O presente trabalho visa ampliar os conhecimentos existentes acerca dos padrões ocupacionais e econômicos das pequenas cidades do Sul de Minas. Para tal fez-se uso de obras conceituais acerca dos grandes temas geográficos de ocupação territorial, formação cultural, formação econômica, território na formação de comunidades. A partir destas leituras foi realizada pesquisa de campo em Cruzília- MG, com o intuito de estabelecer os parâmetros ocupacionais da cidade bem como compreender o desenvolvimento de determinados ramos econômicos; no caso específico, a fabricação de produtos lácteos, a criação de equinos e a fabricação de móveis em madeira. Tais atividades econômicas permitiram que a cidade se tornasse referência, conhecida nacionalmente (e internacionalmente, no caso dos produtos lácteos) por sua excelência. Para tal foram realizadas, para além da pesquisa bibliográfica geral e local, entrevistas com alguns representantes destes ramos econômicos de destaque na cidade, além de visitas a fazendas de criação de equinos, a fábricas de móveis e a fábrica de queijos Cruzília. No intuito de colaborar com a produção de conhecimento acerca da ocupação dos territórios mineiros e também com a preservação da memória da cidade de Cruzília, foi possível verificar não só a importância da combinação de inúmeros fatores para o advento econômico, mas também a significância para formação cultural do lugar.

**Palavras Chave:** Cidade pequena; Sul de Minas; Cavalos Mangalarga; Queijos; Setor moveleiro.

## **ABSTRACT**

The present work aims to broaden the existing knowledge about the occupational and economic patterns of the small cities of the South of Minas Gerais. For this purpose, conceptual works on the major geographical themes of territorial occupation, cultural formation, economic formation, territory in the formation of communities were used. From these readings, fieldwork was carried out in Cruzília, MG, in order to establish the occupational parameters of the city as well as to understand the development of certain economic branches; in the specific case, the manufacture of dairy products, equine breeding and the manufacture of wooden furniture. These economic activities allowed the city to become a reference, known nationally (and internationally in the case of dairy products) for its excellence. In addition to general and local bibliographical research, interviews with some representatives of these important economic branches in the city were carried out, as well as visits to equine farms, furniture factories and the Cruzília cheese factory. In order to collaborate with the production of knowledge about the occupation of the territories of Minas Gerais and also with the preservation of the memory of the city of Cruzília, it was possible to verify not only the importance of the combination of numerous factors for the economic advent, but also the significance for formation cultural heritage of the place.

**Key words:** Small town; South of Minas; Horses Mangalarga; Cheeses; Furniture sector.

## Lista de Figuras

Figura 1- Mapa de localização de Cruzília perante as capitais .....	11
Figura 2- Localização do município de Cruzília-MG.....	15
Figura 3- Cruzília praça central e igreja matriz.....	25
Figura 4 - Mapa estrada real.....	28
Figura 5 - Queijo a Lenda.....	37
Figura 6 - Produção Fabricao de Cruzília .....	37
Figura 7 - Imagem aérea de Cruzília.....	43
Figura 8 - Marcenarias de Cruzília .....	44
Figura 9 - Cadeira Papal Retirada do site da empresa Móveis Hilário.....	45
Figura 10 - Fazendas de eucalipto em Cruzília .....	46
Figura 11- Fazenda Angahy e sua tropa – Autor Rafael Meirelles .....	51
Figura 12 - Casarão Fazenda Favacho .....	53
Figura 13 - Logo Clube do Cavalo de Cruzília .....	53
Figura 14 - Cavalo da raça Mangalarga Marchador .....	54
Figura 15 - Museu da história – Cavalo Mangalarga Marchador .....	54
Figura 16 - Por dentro do museu.....	55
Figura 17 - Por dentro do museu.....	55
Figura 18 - Por dentro do museu.....	56

## Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Satisfação em trabalhar na fabrica de queijos .....	38
Gráfico 2 - Sexo dos funcionários da fábrica de queijos .....	39
Gráfico 3 - Idade dos funcionários da fábrica de queijos .....	40
Gráfico 4 - Funcionários acima de 30 anos que pretendem se aposentar trabalhando na fabrica de queijos ou não.....	40
Gráfico 5 - Funcionários abaixo de 30 anos que pretendem se aposentar trabalhando na fabrica de queijos ou não.....	41
Gráfico 6 - Trabalhadores Formais x Informais.....	48
Gráfico 7 - Mulheres x Homens nas marcenarias.....	49
Gráfico 8 – Projetos de trabalho a longo prazo em marcenarias .....	50
Gráfico 9 - Satisfação do trabalho na marcenaria .....	50

## SUMÁRIO

<b>1 - INTRODUÇÃO</b> .....	8
1.1 - Objetivo Geral .....	9
1.2 - Objetivos Específicos.....	10
1.3 - Justificativa .....	10
1.4 - Metodologia .....	11
1.4.1 - Localização da Área de Estudo .....	13
<b>2 - FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO E CONTEXTO HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE CRUZÍLIA-MG</b> .....	16
2.1 – Discussão do conceito de território .....	16
2.1.1 –Haesbaert – Questão cultural da territorialidade.....	17
2.1.2 – Raffestin – Território e Poder .....	20
2.1.3 – Souza – Território e Política.....	23
2.2. Ocupação do território: da estrada real ao século XXI .....	25
<b>3 - MARCAS E REPRESENTAÇÕES NO TERRITÓRIO DE CRUZÍLIA-MG..</b>	34
3.1 – Queijos Cruzília.....	34
3.2. Setor moveleiro .....	44
3.3 - Cavalo Mangalarga Machador .....	50
<b>4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	57
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	61



## 1 - INTRODUÇÃO

A importância em estudar os processos que ajudaram a formar e organizar determinados lugares é de significativa relevância nas produções geográficas, e estas são essenciais para se entender como se formam os territórios e seus elementos culturais e econômicos.

O estudo da formação das cidades pequenas no Sul de Minas e dos seus territórios, seus agentes e atores mostra como é peculiar esta transformação através do tempo. Muitas vezes tais cidades não se desenvolvem no sentido econômico, social ou político. Entretanto a história de formação de seu território pode ser algo realmente interessante, seja pelo destaque em produção de algum produto específico, ou um motivo que surpreendeu as primeiras pessoas que chegaram nesse território, ou até mesmo a territorialidade criada. Estes processos de formação devem ser estudados e contados pela academia, como forma de preservar a memória do local e de estabelecer os padrões de ocupação destas regiões.

É assim que vai ser analisada a trajetória formação do território de Cruzília-MG, município inserido nas partes mais altas da serra da Mantiqueira que possui uma história de ocupação própria, e no qual afloraram produções de matérias muito ricas economicamente e culturalmente, são elas: queijos, móveis artesanais e criações de equinos. Pautando-nos em conhecimentos adquiridos dentro do meio acadêmico vamos nos debruçar nos conhecimentos de território e territorialidade, mais precisamente através da obra de Rogério Haesbaert, com a sua discussão sobre a questão cultural da territorialidade; Claude Raffestin; com *Território e Poder* e; Souza, com a abrangência de conhecimento em *Território e Política*.

Também vale ressaltar que a localização geográfica também proporciona uma formação do território e da cultura, seja pela facilidade de deslocamento seja pela de produção, ou pela chegada de informação e influências externas, ou até um clima propício para determinadas atividades. A fábrica de queijos, a indústria de móveis e a criação de equinos modificaram o crescimento de Cruzília- MG, e podem ser considerados fatores fundamentais na formação do

território municipal, sendo determinantes para a economia local, bem como para a formação cultural e histórica da cidade.

Nesse sentido, a criação da fábrica de queijos, criação de equinos e a indústria de fabricação de móveis, alavancaram a economia da cidade de Cruzília, sendo os principais responsáveis pelo crescimento e geração de empregos. Estas atividades supracitadas são as principais formas de emprego do município, além da administração pública, que por si só também abarca um grande quadro de funcionários.

Hoje a cidade se destaca em sua região, sendo a mais forte economicamente entre aquelas que têm o mesmo perfil, seja ele agropecuário (no caso criação de equinos e produção de queijos) e com algumas produções (no caso produção artesanal de móveis).

Verificar como a criação das indústrias e fábricas alterou a economia da cidade, bem como o crescimento e as interações ali verificadas, e verificar como a produção de queijos, equinos e móveis auxiliaram na formação territorial são os objetivos deste trabalho, os principais. Buscar-se-á também, verificar quem foram e quem são os benfeitores da terra, aqueles indivíduos que, de forma relevante, fizeram e fazem o que está a seu alcance para que, hoje, o município de Cruzília seja referência nas três atividades econômicas dominantes em seu mercado, levando o nome do município para fora e tornando-o conhecido no território nacional, e, em alguns casos, também no cenário internacional. Deste modo procuraremos contar de uma forma mais aprofundada e estruturada (através de pesquisa *in loco*), como a formação histórica e cultural do território de Cruzília se deu através dos tempos.

### **1.1 - Objetivo Geral**

Verificar quem foram e são os bem feitos da terra, aqueles que de foram relevantes para que hoje o município de Cruzília seja referência nas três cearas econômicas dominantes em seu mercado.

## **1.2 - Objetivos Específicos**

Verificar como a criação das indústrias e fábricas alterou a economia da cidade, bem como o crescimento e as interações interpessoais ali encontradas. E verificar como a produção de queijos, a criação de equinos e a produção de móveis auxiliaram na formação territorial.

Elaborar entrevistas com os moradores da cidade conhecedores do assunto, a fim de verificar como a chegada e instalação dessas indústrias, confecções moveleiras e criações modificou as interações espaciais de Cruzília, e quem foram os primeiros indivíduos a propagarem esses tipos de atividades no município. Identificar a composição da mão-de-obra por setores da economia no município de Cruzília e analisar a dinâmica da cidade, através de um levantamento histórico, estudando o passado e o presente de Cruzília.

## **1.3 - Justificativa**

Cruzília está localizada no Sul de Minas, pertence ao Caminho Velho da Estrada Real. É conhecida por suas fazendas centenárias, por ser o berço dos cavalos da raça Mangalarga Marchador, por sua indústria de móveis e pela produção de queijos. Segundo a estimativa do IBGE de 2017, sua população é de 15.497 habitantes. Não há nenhum trabalho, até hoje, feito com a intenção de analisar e entender as dinâmicas espaciais da cidade, sua economia e os porquês de seu crescimento. A cidade demorou a ter sua emancipação, que ocorreu só no ano de 1948. Antes, Cruzília fazia parte da cidade de Baependi.

O município tem destaque devido à indústria láctea e a indústria moveleira, além da criação de equinos. Busca-se entender e analisar a razão destas atividades econômicas se destacarem na cidade, os motivos de fazerem de Cruzília sede de seus negócios. O que tem na cidade que faz com que esses setores cresçam? Como a cidade contribuiu para essas atividades? E o foco, como esses três pontos se tornaram pilar do crescimento econômico de Cruzília?

#### 1.4 - Metodologia

Nesta pesquisa, para entender a formação do território de Cruzília-MG, partiu-se de dados secundários e de dados primários. Primeiramente foram feitas leituras e análises sobre a ocupação territorial de Minas Gerais e da porção sul do Estado, com base nos textos de Andrade, Chaves, e Saes (2012), que trazem observações importantes para a pesquisa. Além do Almanaque Sul Mineiro de 1874 que aborda informações gerais sobre a região, como população, economia, política etc. Considerando a localização geográfica do sul de Minas, próxima aos grandes centros como São Paulo (328 Km), Rio de Janeiro (311 Km) e Belo Horizonte (328 Km), Cruzília inserida nesse contexto, obteve alguns benefícios para o desenvolvimento do município, proporcionando a facilidade das trocas comerciais e na dinâmica econômica.



**Figura 1- Mapa de localização de Cruzília perante as capitais**

De acordo com Saes (2012):

A posição geográfica do Sul de Minas colaborou para que, no decorrer dos últimos séculos, a região participasse com considerável importância no abastecimento, em especial por meio dos produtos agropecuários e mais recentemente de artigos manufaturados, do

amplo mercado consumidor que foi se consolidando em seu entorno. Assim, a própria implantação da rede ferroviária regional se deu almejando a integração entre as áreas produtoras do Sul de Minas com os mercados de São Paulo e do Rio de Janeiro, e não a interligação entre suas principais cidades, o que desfavoreceu a maior coesão entre os centros urbanos regionais, e mesmo a consolidação de uma “cidade primaz” (SAES, 2012, p.69).

Com base nessa localização, cabe entender os processos que ajudaram na formação do território de Cruzília, assim, o conceito de território através dos textos e conhecimentos de Rogério Haesbaert (cultural)(1999), Marcelo Lopes de Souza (política) (1999) e Claude Raffestin (poder) (1980), direcionaram e proporcionaram as bases da pesquisa, diretrizes imprescindíveis para a fundamentação teórica da pesquisa. Esses autores proporcionaram informações que tornaram possível interpretar os conceitos, diretrizes, formação, espacialidade e territorialidade de Cruzília; que é um dos objetivos principais do trabalho.

Com os conhecimentos teóricos já evidenciados parte-se para as informações do objeto, o território de Cruzília. Essas informações foram coletadas de duas formas, primeiro com entrevistas feitas com cidadãos habitantes de Cruzília, e de certa forma, representantes e com domínio sobre os temas abordados: Produção de queijos finos, criação de equinos, mais precisamente a raça manga-larga e manga-larga marchador e o setor moveleiro artesanal. As entrevistas foram feitas com pessoas ligadas a estes campos, no início do segundo semestre de 2017. As mesmas contaram com o representante da associação de cavalos e diretor do museu nacional do cavalo, com o patriarca da família e ex-diretor da fábrica de queijos de Cruzília, e o principal artesão e propulsor da confecção de móveis artesanais no município. As entrevistas foram abertas, privilegiando as informações qualitativas permitindo que o entrevistado falasse à vontade para poder se expressar sobre os assuntos pertinentes à formação de Cruzília.

E posteriormente, mas não menos importante, foi realizada a captação de informações no museu e biblioteca do município, além de uma visita até a fábrica de queijos Cruzília e a algumas produções de móveis e também a visita de algumas fazendas mais relevantes na criação de equinos do município. Na

principal fábrica e em algumas marcenarias foram aplicados questionários, o mesmo não se efetuou no setor de criação de equinos devido à dificuldade de acesso aos trabalhadores deste setor econômico cruziliense.

Estas visitas *in loco* proporcionaram um conhecimento prático de como os três fatores abordados (queijo, equinos e móveis) são realmente os formadores do território, pois ali se captam informações que não estão disponíveis em livros ou em páginas da internet, mas estão no ambiente com uma mistura das informações das pessoas dos locais, estas são a tradição oral da cidade.

#### **1.4.1 - Localização da Área de Estudo**

Cruzília (Figura 2) é um município do Sul de Minas Gerais, localizado nas elevações da serra da Mantiqueira e inserido na vizinhança do circuito das águas, na microrregião de Andrelândia com população estimada em 2017 de 15.497 habitantes (IBGE, 2017) e densidade demográfica de 27,8 hab./km<sup>2</sup> (Atlas Brasil, 2017). A cidade faz parte do caminho velho, da Estrada Real, era antigamente um distrito de Baependi ou Baependy. Possui uma extensão territorial de 523.470 M<sup>2</sup> e está em uma altitude de 1010 metros em relação ao nível do mar, com um clima tropical de altitude com invernos bem rigorosos e secos. O PIB per capita de Cruzília é de R\$ 10.628,39 (que atualmente está abaixo da média nacional, que é de 26.441,76), com correspondência de R\$ 1.146,52 e a indústria e R\$ 1.421,47 referente a agropecuária.

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDHM) de Cruzília foi 0,695, em 2010, o que situa esse município na faixa de Desenvolvimento Humano Médio (IDHM entre 0,600 e 0,699). A dimensão que mais contribui para o IDHM do município é Longevidade, com índice de 0,853, seguida de Renda, com índice de 0,671, e de Educação, com índice de 0,587. Cruzília ocupa a 2059ª posição entre os 5.565 municípios brasileiros segundo o IDHM. Nesse ranking, o maior IDHM é 0,862 (São Caetano do Sul) e o menor é 0,418 (Melgaço).

Entre 2000 e 2010, a razão de dependência no município passou de 57,26% para 46,92% e a taxa de envelhecimento, de 7,05% para 9,95%. Em 1991, esses dois indicadores eram, respectivamente, 57,78% e 5,25%. Já na

UF, a razão de dependência passou de 65,43% em 1991, para 54,88% em 2000 e 45,87% em 2010; enquanto a taxa de envelhecimento passou de 4,83%, para 5,83% e para 7,36%, respectivamente.

Em 2015, o salário médio mensal era de 1.7 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 18.7%. Na comparação com os outros municípios do estado, ocupava as posições 362 de 853 e 202 de 853, respectivamente. Já na comparação com cidades do país todo, ficava na posição 3666 de 5570 e 1540 de 5570, respectivamente. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 36.3% da população nessas condições, o que o colocava na posição 461 de 853 dentre as cidades do estado e na posição 3293 de 5570 dentre as cidades do Brasil.

A taxa de mortalidade infantil média na cidade é de 5.18 para 1.000 nascidos vivos. As internações devido a diarreias são de 0.6 para cada 1.000 habitantes. Comparado com todos os municípios do estado, fica nas posições 575 de 853 e 338 de 853, respectivamente. Quando comparado a cidades do Brasil todo, essas posições são de 4067 de 5570 e 3103 de 5570, respectivamente.

Com área de unidade territorial de 522,419 km<sup>2</sup> apresenta 89.8% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 15.2% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 34% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio). Quando comparado com os outros municípios do estado, fica na posição 72 de 853, 815 de 853 e 298 de 853, respectivamente. Já quando comparado a outras cidades do Brasil, sua posição é 452 de 5570, 5269 de 5570 e 1013 de 5570, respectivamente.



**Figura 2- Localização do município de Cruzília-MG.**



## **2 - FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO E CONTEXTO HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE CRUZÍLIA-MG**

Neste capítulo, será discutida brevemente a concepção de território e territorialidade, a fim de entender os fatores e processos de formação em Cruzília.

### **2.1 – Discussão do conceito de território**

Primeiramente, o conceito territorial precisa ser explicado de forma correta. Território não é só um espaço, não é apenas onde há posse, vazia ou não. Ele é toda a apropriação entre homem, grupo social, empresa ou estado num espaço. Território é onde há a ação de poder, onde há a (trans)formação de uma cultura, economia ou política em um determinado espaço.

Em primeiro lugar, a concepção de território que Haesbaert traz é de uma dimensão espacial que se revela em processos de dominação mais concretos, tanto pela produção material quanto em termos jurídico-políticos. É também um espaço apropriado em termos imateriais na produção de identidade, subjetividade e simbolismos com certo lugar. O território também assume um viés multidimensional (político-jurídico, econômico e culturalista) e os movimentos dos agentes e grupos entrando e saindo de territórios (tidos como seus e de outros) manifesta os processos de desterritorializações e (re)territorializações.(FUINI, 2017, p.19).

Fuini utiliza Haesbaer para definir o território, que além de espaço habitável tem a identidade, a criação de territorialidade, que está relacionado a formas de organização e reorganização social, modos distintos de percepção, ordenamento, reordenamento em termos de relações com o espaço e as trocas socioculturais.

Segundo Claude Raffestin (1993), o território não é somente uma construção material e sim algo muito mais complexo.

Esta não é uma construção material, mas a representação ideal da construção. Isso significa que o território não resultará, obrigatoriamente, em paisagem, sem a intermediação da imaginação condicionada por um mediador peculiar. Existe uma observação utilitária que nem sempre se torna contemplativa. Porém, deixemos, por enquanto, o mundo da imagem e entremos no mundo material. (RAFFESTIN, 1993, p.77)

Essa complexidade se manifesta quando a relação do ser que habita o espaço passa do material, ele de certa forma cria uma relação sentimental com o espaço, assim podem-se caracterizar os primeiros traços de territorialidade. Sendo assim, se trás como territorialidade o afeto do indivíduo pelo o espaço que habitado, e em como o espaço geográfico natural pode influenciar os costumes e culturas, de acordo com as características naturais e sociais que se criam com a evolução da sociedade que ali habita.

É assim que o objeto de estudo deve ser visto no caso o território de Cruzília; na lógica de pensamentos dos autores em questão, que primeiramente se aloca e cria-se um território, e naturalmente com o avanço do mesmo se cultiva territorialidade. E para o entendimento mais profundo das questões de território e territorialidade, serão analisados os pensamentos de três autores com concepções distintas e complementares, Rogério Haesbaert, Marcelo Lopes de Souza e Claude Raffestin, que definem e exploram o assunto abordando o mesmo tema.

### **2.1.1 –Haesbaert – Questão cultural da territorialidade**

Todo território mesmo não habitado por seres humanos, tem uma territorialidade, ou seja, mesmo que polêmico, o assunto pode ser tratado também para o reino animal (HAESBAERT 2002). Como o presente trabalho é voltado para um meio que se influencia pela ação do homem, vai se considerar a territorialidade do ser humano perante a natureza e a natureza perante o ser humano. Parte-se do princípio que a territorialidade se cria desde o primeiro contato do homem com o território, leva-se em conta o que ele modifica do estágio natural do território, e o que o meio natural do território implica na vida do homem, tomando como exemplo um lugar que é munido de temperaturas baixas, que vai fazer com que o ser use roupas para a proteção, tornando aquele um ato corriqueiro, ou seja, parte de sua cultura, criando-se uma identidade territorial.

Partimos do pressuposto Geral de que toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se

dá tanto no campo das ideias quanto na realidade concreta, o espaço geográfico constituindo. (HAESBAERT, 1999 p.169)

A identidade territorial vai se moldar dentro do espaço do território diretamente ligada à sua evolução, podendo ser econômica ou cultural por si só ou por influências externas. Influências estas que acontecem quando se tem alguma ligação que a própria territorialidade proporcionou, como por exemplo, obter um produto produzido exclusivamente dentro do seu território, com sua identidade territorial, que o mercado de outro lugar tenha interesse. Com essa linha de pensamento o próprio território, a territorialidade e identidade vão proporcionar evolução/desenvolvimento, com, por exemplo, a aproximação econômica e cultural, influenciando e sendo influenciado por outros territórios.

O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios “originais” se desfazem ininterruptamente com a divisão social do trabalho, com a ação dos deuses universais que ultrapassam os quadros da tribo e da etnia, com os sistemas maquínicos que a levam a atravessar cada vez mais rapidamente, as estratificações materiais e mentais (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p.323 *apud* HAESBAERT, 1999).

Com a troca de informações, influenciando e sendo influenciada, essa aproximação com outros territórios, o território em questão pode perder algumas características, que podem de certa forma afetar a territorialidade do mesmo e fazendo que algumas territorialidades se alterem.

Simplificadamente podemos afirmar que a desterritorialização é o movimento pelo qual se abandona o território, “é a operação da linha de fuga” e a reterritorialização é o movimento de construção do território (DELEUZE e GUATTARI, 1997:224); no primeiro movimento, os agenciamentos se desterritorializam e no segundo eles se reterritorializam como novos agenciamentos maquínicos de corpos e coletivos de enunciação. Deleuze e Guattari afirmam que a desterritorialização e a reterritorialização são processos indissociáveis. Se há um movimento de

desterritorialização, teremos também um movimento de reterritorialização. Esse movimento concomitante de desterritorialização e reterritorialização está expresso no “primeiro teorema” da desterritorialização ou “proposição maquínica”. (HAESBAERT, 1992, p.26)

Do mesmo modo que territorialidades são alteradas, Haesbaert nos mostra que se reconstrói com a reterritorialização, que nada mais é, que a necessidade da reconstrução de uma territorialidade perdida, tomando como um exemplo a recuperação de um casarão antigo, ou a reabertura de uma fábrica que já foi um dia importante e passa a ser ativa novamente. Com todos estes processos, o território conseqüentemente vai sofrer muitas mudanças culturais com o tempo, que vão influenciar diretamente no crescimento do mesmo e na qualidade de vida seus habitantes. Em um município, tudo que ele representa como, qualidade de vida, economia, costumes etc. são reflexos de territorialidades que foram criadas, perdidas e recuperadas ao longo do tempo.

Com essas informações e entendimentos em pauta, não se pode deixar de relacionar a relação que Haesbaert faz de um território ao outro, o fluxo de informações trocadas de todas, e as influências que exercem sobre a territorialidade.

Outro discurso corrente é aquele que associa desterritorialização e rede. A estruturação de uma sociedade em rede não é, obrigatoriamente, sinônimo de desterritorialização, pois em geral significa novas territorializações, aquelas que o elemento fundamental na formação de territórios, a ponto de quase se confunde com eles, é a rede. Como vimos através das propostas de Deleuze e Guattari e no debate sobre desterritorialização e mobilidade é possível identificarmos um território no movimento ou pelo movimento. (HAESBAERT, 2004, p279.)

Primeiramente explica-se que redes são tudo que interliga; que aproxima. No caso do território é rede qualquer elemento que ajuda na aproximação de um território ao outro, tendo como exemplo, estradas, os meios de comunicações, redes sociais etc. E quando se aproximam os territórios, muitos defendem que as territorialidades dos territórios influenciadores vão se sobrepor a algumas

territorialidades daqueles influenciados, mas Haesbaert trabalha com hipótese distinta e explica que se criam novas territorialidades.

Talvez seja essa a grande novidade da nossa experiência espaço-temporal dita pós-moderna, onde controlar o espaço indispensável a nossa reprodução social não significa controlar áreas e definir fronteiras, mas sobretudo, viver em redes, onde nossas próprias identificações e referências espaço-simbólicas são feitas não apenas no enraizamento e na estabilidade mas na própria mobilidade, uma parcela expressiva da humanidade identifica-se no espaço do movimento, podemos dizer. Assim territorializar-se significa também, hoje, construir e controlar fluxos e criar referências simbólicas no espaço em movimento, no e pelo movimento. (HAESBAERT, 2007, p.280)

Contudo, um dos grandes desafios dos tempos pós-modernos vai ser o controle desses fluxos de informações das redes nos territórios, para que as territorialidades locais, permaneçam e sejam entendidas como um processo cultural da sociedade. A partir destes apontamentos e descrições Haesbaert nos mostra-se que cultura e territorialidade, vão ser partes do processo que vai ditar o desenvolvimento do território.

### **2.1.2 – Raffestin – Território e Poder**

Primeiramente é preciso estabelecer algumas definições, que vão ser imprescindíveis para o entendimento das ideias do autor em tese, tanto para a definição de território, quanto para a definição de poder. Em sua obra ele procura definir primeiramente o poder, já entrando no mérito de território.

Sendo co-extensivo de qualquer relação, torna-se inútil distinguir um poder político, econômico, cultural etc. Sendo toda relação um lugar de poder, isso significa que o poder está ligado muito intimamente à relação, manipulação dos fluxos que atravessam e desligam a energia e a informação. Manipulação? (RAFFESTIN, 1980, p. 51)

O autor já nos mostra que o poder está ligado a relações, ele vai estar onde (ou naquele em que) houver mais relações e informações, vai estar onde se localizarem influências e conseqüentemente conhecimento, pois uma coisa

direciona a outra coisa. Assim aquele que detém o poder vai dominar o fluxo, ou seja, vai ditar e manipular o objeto. Pode-se se considerar um território, um conjunto de indivíduos, um setor da economia etc.

O poder visa o controle e a dominação sobre os homens e sobre as coisas. Pode-se retomar aqui a divisão tripartida em uso na geografia política: a população, o território e os recursos. Considerando o que foi dito sobre a natureza do poder, será fácil compreender por que colocamos a população em primeiro lugar: simplesmente porque ela está na origem de todo o poder. (RAFFESTIN, 1980, p.58)

Em outro momento mostra-se que o controle e a dominação deverão ser feitos primeiramente sobre os homens, pois dominando a população, já se domina o território como um todo, isso, pois o homem, no sentido da população, é a origem que qualquer liderança, posto de outra forma, o dominante do território primário é a população que ali habita. Com essas citações e informações já se tem um norteamento, que segundo Raffestin (1980), o território e sua dinâmica estão diretamente relacionados no poder de dominação do fluxo de informação, que vai conseqüentemente influenciar e dominar as territorialidades no território objeto seja através da economia, da tecnologia, da cultura etc.

Já que se explicou o papel do poder no território, como sendo o fator que vai ditar a formação e evolução do mesmo, ou melhor, o poder vai ser o criador principal das territorialidades, agora já se pode partir para o ponto em que se explica o conceito de território segundo Raffestin.

O território se forma a partir do espaço, resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator territorializa o espaço. (RAFFESTIN, 1980, p.143)

O território diante ao pensamento do autor, vai se formar por ações em que indivíduos vão se apropriarem e dominar o espaço do território, e exercer poder sobre o mesmo. E através desse poder dirigido ao território o ser cria sua territorialidade sobre o mesmo. Dentro desse mesmo contexto, é possível enxergar que, teoricamente, com a evolução de territórios e suas

territorialidades, quem vai dominar as ações sobre mesmo são os indivíduos progênitos dos primeiros tomadores de poder do espaço. A partir dessa convicção o poder sobre território vai indicar uma lógica de que os indivíduos criadores de territorialidades vão ser sempre os mesmos. Serão sempre os mesmos indivíduos praticando um determinado tipo de economia, serão sempre os mesmos fazendo os seus papéis nas classes sociais, etc. excetuando-se a evolução territorial, que o autor não teve a oportunidade de mensurar, e outras raras exceções. Como explica a citação subsequente.

Esses sistemas de tessituras, de nós e de redes organizadas hierarquicamente permitem assegurar o controle sobre aquilo que pode ser distribuído, alocado e/ou possuído. Permitem ainda impor e manter uma ou várias ordens. Enfim, permitem realizar a integração e a coesão dos territórios<sup>12</sup>. Esses sistemas constituem o invólucro no qual se originam as relações de poder. (RAFFESTIN, 1980, p.151)

A territorialidade também vai seguir a mesma linha de pensamento, vão “territorializar” os seres dominantes, e os que não demonstrarem poder vão ser “desterritorializado”. Os adjetivos culturais e econômicos o poder “territorializado” vai sobrepor à territorialidade do menos detentor de poder.

Mas a vida é tecida por relações, e daí a territorialidade poder ser definida como um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade—espaço—tempo em vias de atingir a maior autonomia possível, compatível com os recursos do sistema. (RAFFESTIN, 1980, p.161)

A territorialidade, seja qual for, está sempre em dinâmica para sobrepor-se e se afirmar, concomitantemente às ações do indivíduo que deseja poder. O poder e o influenciar vão estar diretamente relacionados assim como territorialidade e seus fatores e movimentos, conforme tratado por Raffestin (1980).

Pode-se concluir com clareza que o autor afirma que o poder de influenciar e sobrepor do indivíduo, vai fazer com que ele se alto promova perante os outros que habitam o mesmo território. Isso em pratica se vê na

economia, política e cultura. O autor traz para o presente trabalho uma visão ideal da sobreposição do poder ao território, e permite compreender como um indivíduo munido de poder é capaz formar e territorializar o seu espaço.

### **2.1.3 – Souza – Território e Política**

Vamos agora abordar a relação de território e política segundo a obra de Marcelo José Lopes de Souza (1999). Trata-se de como a política e interesses tem o poder de influenciar a construção e formação de um território. Souza(1999), mostra que a busca por poder dentro do território sempre existiu, seja ele qual for, e que os seres se utilizam das relações que constroem com os outros para sobreporem-se a eles. Em qualquer dicionário comum, é possível encontrar uma definição da palavra política, que demonstra bem o sentido que o autor quer demonstrar. Política pode ser definida por habilidade de relacionar-se com os outros, tendo em vista a obtenção de resultados desejados. A partir desses princípios o Souza usa duas citações de Hannah Arendt para sintetizar melhor o assunto. Primeiramente para definir política:

Por trás da confusão aparente e a cujos todas as distinções seriam na melhor das hipóteses, de pequena importância, a convicção de que a questão política mais crucial é, e sempre foi, a questão de: quem governa quem? Poder, força, autoridade, violência. Nada mais são do que as palavras e indicar os meios pelos quais o homem governa o homem; são elas consideradas sinônimos por terem a mesma função. É apenas depois que se cessa de reduzir a questão pública ao problema da dominação, que as informações originais da esfera dos problemas humanos deverão aparecer, ou antes reaparecer em sua genuína diversidade. (ARENDR,1985 apud SOUZA, 1999. p. 78.)

E sobre poder:

O ´poder` corresponde a habilidade humana de não apenas agir, mas de agir em uníssono, em comum acordo. O poder jamais é propriedade de um indivíduo, pertence a um grupo e existe apenas em quando um grupo se mantiver unido. Quando dizemos que alguém está ´no poder` estamos na realidade nos referindo ao fato de encontrar se essa pessoa investida de poder, por um certo número de pessoas, para atuar em seu nome. No momento em que o grupo, de onde origina o poder, (sem um povo ou um grupo não há poder) desaparece o seu poder também desaparece.(ARENDR,1985 apud SOUZA,1999. p. 80.)



Assim Arendt (1985) se faz entender, e Souza trás para sua obra a concepção de que o poder está diretamente ligado à política, mais claramente, aquele que consegue ter a liderança da população dentro do seu território vai ser o possuidor do poder, e isso está atrelado à dominação de informação, mercado econômico e privilégios. Portanto deve-se também ressaltar que o poder e, conseqüentemente, a dominação política estarão de mãos dadas no mesmo meio, ou seja, o poder, em regra, estará perpetuado com os mesmos indivíduos, pois os comandantes da política, logicamente mais poderosos, vão influenciar sobrepor e territorializar os indivíduos de menor expressão dentro do território.

Souza (1999) é, aqui, o primeiro autor a abordar a relação território-política, atrelada ao poder. O alemão Friedrich Ratzel propõe em sua obra *Politische Geographie* (RATZEL, 1974 apud SOUZA, 1999. p. 84), segundo Souza, um ótimo exemplo do discurso sobre território seguindo o mérito no referencial político do Estado, ou seja, como se exerce o poder dominando a política do território.

O Estado não é, para nós, um organismo meramente porque ele representa uma união do povo vivo com o solo imóvel, mas porque essa união se consolida tão intensamente através de interação que ambos se tornam um só e não podem mais ser pensados separadamente sem que a vida venha a se evadir. (RATZEL, 1974 apud SOUZA, 1999. p.81)

E ainda:

Exclusivamente o solo da coerência material a um estado, vindo daí a forte inclinação, sobretudo da organização política naquele se apoiar, como se ele pudesse forçar os homens, que toda sorte permaneceu separados, a uma coesão. Quanto maior for a possibilidade de fragmentação, tanto mais importante se torna solo, que significa tanto o fundamento coerente do Estado quanto o único testemunho palpável e indestrutível de sua unidade. (RATZEL, 1974 apud SOUZA, 1999. p.84)

Essa citação nos leva a fazer pensar que a política e o poder moldam o território de acordo com a vontade de quem os detém. O poder através da política cria identidade e/ou territorialidade, influenciando os indivíduos a entrarem em uma linha imposta por aqueles que têm o poder. E pensando mais a frente de acordo com o desenvolvimento do território, aqueles que possuem o poder da política serão os que influenciarão, destacando-se na economia, culturalmente e intelectualmente. Souza (1999) afirma ainda que isso só acontece, pois ciclicamente serão pessoas no poder com os mesmos interesses, sempre determinados a se ajudarem, e nunca permitir que o domínio do poder deixe seu ciclo de interesses. Portanto, a partir do exposto entende-se que o território e a territorialidade sempre serão construídos e pensados sobre os interesses daqueles que chegaram e sobrepuseram seu poder, inicialmente físico, suas influências políticas e seus interesses primeiro.

## **2.2. Ocupação do território: da estrada real ao século XXI**

O território de Cruzília ainda se transforma através das tradições, de sua história e cultura, relacionando-as com sua posição geográfica, clima e interação da população entre si e com o espaço que ocupa.



**Figura 3- Cruzília praça central e igreja matriz**

O território é apropriado e construído socialmente, resultado e condição do processo de territorialização; é produto do processo de apropriação e domínio social, cotidianamente, inscrevendo-se num campo de poder, de relações sócio espaciais, nas quais, a natureza exterior ao homem está presente de diferentes maneiras (...). No entanto, há necessidade de aprofundamento na compreensão das diferentes abordagens e concepções dos conceitos de território e territorialidade, em virtude de lacunas teórico-metodológicas existentes, da necessidade de se reconstruir aspectos da história da geografia e para subsidiar a elaboração de uma abordagem (i)material do território e da territorialidade. É fundamental esclarecer alguns processos efetivados na construção do pensamento (ou do saber, como prefere M. Quaini) geográfico, subsidiando a efetivação de saltos quanti-qualitativos em nossos estudos, numa relação recíproca entre pensamento e real. (SAQUET, 2007, p.4)

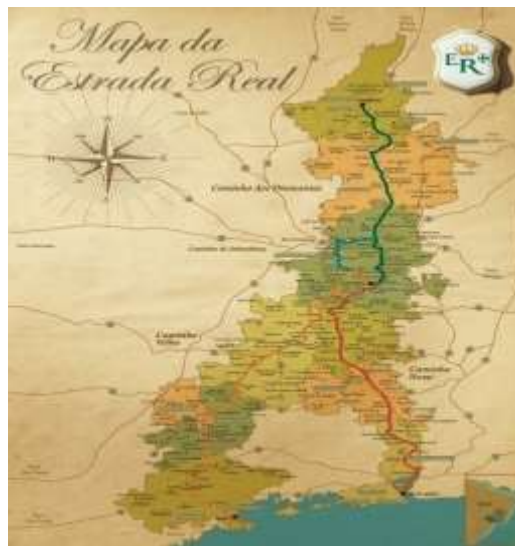
Encruzilhada posteriormente São Sebastião de Encruzilhada e hoje Cruzília, se formou primeiramente a partir da sua localização privilegiada, inserida nas partes mais altas da serra da Mantiqueira, oriunda da Capitania hereditária de São Vicente. Há relatos não documentados, de que foi por volta de 1570 que as primeiras pessoas chegaram onde é hoje o território de Cruzília, através das primeiras expedições bandeirantes das capitanias de São Vicente. Isso só foi possível porque Cruzília é o fim do único acesso, que os bandeirantes conseguiram, na subida da serra da Mantiqueira em sentido do interior do Brasil; conhecida hoje como a subida da garganta do Embaú.

Nestes relatos também se diz que um dos primeiros bandeirantes já com intuito de ficar no Brasil, ligado a Manoel de Sá, e notando que a região era de terras férteis mandou uma carta pedindo a doação das terras da região para si, tendo uma resposta positiva. Terras as quais hoje pertencem a Baependi, Cruzília, Carrancas, Aiuruoca, Serranos e Seritinga. Posteriormente, como uma grande jogada de inteligência e esperteza, se sobrepondo ao seu “laranja”, Manoel de Sá usando o programa de Sesmarias incorporou esse território para si. Mais especificamente o território de Cruzília que teve destaque com sua inserção no caminho velho da estrada Real.

A Estrada Real é um dos maiores circuitos turísticos do Brasil. Com cerca de 1600 km, a Estrada começou a ser construída no século XVII para ligar a região do litoral carioca às regiões produtoras de ouro do interior de Minas Gerais. No início a Estrada ligava Ouro Preto (na época, Vila Rica do Ouro Preto), em Minas Gerais ao Porto de Paraty, no Rio de Janeiro. O caminho era usado para transportar o ouro e demais carregamentos da cidade mineira até o porto e, ao longo do caminho, foram sendo fundadas vilas e diversos pontos de parada para os tropeiros, bandeirantes, mineradores e outros viajantes que faziam o percurso da Estrada Real. Na época, seu percurso levava 60 dias para ser feito devido às dificuldades de percurso na estrada de terra que atravessa a Serra da Mantiqueira e da distância. Este caminho estendia-se por localidades como Caeté e Sabará também, recebendo por isso o nome de “Caminho do Sabarabuçu”.

No século XVIII a necessidade de um caminho mais seguro e rápido até o porto fez com que a Coroa ordenasse a construção de uma outra rota que ficou conhecida como “caminho novo”. À estrada antiga ficou o nome de “caminho velho”. O caminho novo foi feito por Garcia Rodrigues Paes, filho do famoso bandeirante Fernão Dias Paes (que hoje dá nome à rodovia que liga São Paulo à Belo Horizonte e Vitória), que levou 7 anos (1668-1705) para terminá-lo. Em 1725, Bernardo Soares de Proença terminou uma trilha paralela ao, agora conhecido, “Caminho do Ouro”, porque era por ele que o metal era escoado para Portugal. Mais tarde, quando foi feita a descoberta de pedras preciosas na região do Serro, o caminho foi estendido até lá, e Ouro Preto, então capital de Minas Gerais, passou a ser o local de convergência da Estrada Real. O caminho até o distrito diamantino ficou conhecido como “Caminho dos Diamantes”. Fazem parte do circuito Estrada Real as cidades: Mariana, Catas Altas, Ouro Preto, Diamantina, Tiradentes, Santa Bárbara, Morro do Pilar, Conceição do Mato Dentro, Serro, Cocais, Carrancas, Conselheiro Lafaiete, São João Del rei, e muitas outras cidades que guardam ainda um pouco da história do Brasil. Ao todo são 177 cidades no entorno da Estrada Real, sendo 162 em Minas Gerais, 8 no Rio de Janeiro e 7 em São Paulo.

Estrada Real devidamente apresentada volta-se a atenção para Cruzília que possuía papel importante nessa dinâmica da Estrada Real, de acordo com a evolução do fluxo de viajantes na estrada, no final do Sec. XVII e início do Século XVIII Cruzília tornou-se um ponto de apoio, pois naquela localidade conhecedores de saúde dos animais e alguns comerciantes, se alocaram pela possibilidade de renda concentrada ali. Além da estrada real, outras estradas que já não existem mais como a picada de Goiás que também foi importante na corrida do ouro da Coroa Portuguesa, passavam por Cruzília, estrada utilizada pelo governo da época para o escoamento do ouro de Goiás, no intuito de controlar, roubos e contrabandos para evitar impostos.



**Figura 4 - Mapa estrada real**

Deste modo estes primeiros habitantes foram se especializando nas necessidades dos viajantes e mostrando que aquela localização tinha o seu valor e ali começava a surgir um novo território.

As inúmeras fazendas localizadas no sul de Minas Gerais no Brasil, macrorregião estabelecida pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), formadoras de um conjunto tipológico característico dos séculos XVIII e XIX. São propriedades que, a princípio, serviam como base de apoio aos núcleos urbanos mineradores, mas que eram também produtoras de gêneros diversos voltados ao abastecimento do mercado interno e, posteriormente, estimuladas pela necessidade de ocupação territorial. Hoje, tais propriedades representam um grande acervo de reminiscências da formação do território no período de desbravamento do interior do país em busca do ouro das Minas, e também do período posterior,

quando ocorreu o esgotamento das lavras, o que provocou um deslocamento do eixo econômico e um retorno às áreas de campos de cultivo e criação (PEREIRA; PARISI, 2015, p.83)

As atividades agropecuárias estiveram presentes na formação do município de Cruzília. Desde o início da constituição do povoado aqueles que chegavam para se alocar de alguma forma traziam algum conhecimento, conforme Andrade (2002), e no caso de Cruzília os conhecimentos agropecuários sempre estiveram em destaque.

Toda pessoa de qualquer qualidade, que for ao sertão a descobrimentos, será obrigado a levar milho, feijão e mandioca, para poder fazer plantas e deixá-las plantadas, porque com esta diligência se poderá penetrar os sertões, que sem isso é impossível. (ANDRADE, 2002. 89. XX)

No município de Cruzília, a agropecuária, em geral, representa a maior parte da economia da cidade, ou pela criação dos cavalos da raça Mangalarga ou pela produção leiteira que como consequência se junta à produção de queijos nobres conhecidos nacionalmente e muito aclamados. Algumas fazendas de criação dos cavalos e propriedades rurais são centenárias e remontam a história do município. Juntamente ao povoado que se formava, o autor afirma que, na região foram encontradas fazendas muito antigas e com vegetação baixa, favorecendo a criação das fazendas na região.

Entre os séculos XVIII e XIX foram criadas 12 fazendas em Cruzília. As mais importantes e que contam mais a história da cidade são: Fazenda Angahy, a Fazenda Traituba, a Fazenda Favacho e a Fazenda Campo Lindo.

Tais exemplares de edifícios históricos, representados por casarões centenários, adotados de forma conjunta com a paisagem natural e urbana das pequenas cidades pelas mesmas originadas, constituem-se como conjunto singular e de modos de vida que são representativos de uma identidade, que ultrapassa a dimensão arquitetônica e monumental como forma única de proposta de salvaguarda e preservação. As propriedades (...) representarem as fazendas mais antigas de toda a região do Sul de Minas, localizadas no município de Cruzília, o qual tem parte de seu território cortado pelo Caminho Velho da Estrada Real, pelo qual se tinha acesso às minas de ouro de Vila Rica. Aí foram traçadas as primeiras trilhas e caminhos que indicavam a ocupação do interior do Brasil e do

território do atual estado de Minas Gerais. (PEREIRA; PARISI, 2015, 95)

José Garcia (Angahy) e José Francisco Junqueira (Campo Alegre) foram os primeiros grandes produtores que chegaram ao território, adquirindo-o da capitania de Manoel de Sá. A partir da chegada destes a região adquiriu as características de produção, de criação cavalos, e principalmente de obtenção de escravos. Cruzília por muitos anos foi a principal fornecedora de escravos para todas as outras fazendas de Minas Gerais. Até pouco tempo a integração entre negros e brancos era marcada por grande preconceito, o que fazia com que negros não frequentassem os mesmo lugares que os brancos. Entretanto, não podemos deixar de relatar que a maior revolta de escravos do Brasil, a revolta da Bela Cruz, foi no território de Cruzília, fazenda a qual ainda existe.

Por causa da localização privilegiada, junto aos mais antigos caminhos e vilas, as fazendas do denominado Grupo de Cruzília, fazem parte da área da comarca do Rio das Mortes ocupada há mais tempo. Baependi foi elevada a vila em 1814, mas a antiga ocupação da região deveu-se principalmente à sua localização privilegiada, entre a garganta do Embaú e as vilas de São João del Rei e São José. (CRUZ, 2015 p.133)

Esses grandes fazendeiros depois de consolidados vieram a influenciar Gabriel Francisco Junqueira, O barão de Alfenas. Com uma inteligência, (dizem) invejável, o Barão de Alfenas, se destoando de todos os outros, era mais ligado a promover relações de influencias, uma vez estabelecida a amizade com a família real, trazia dom Pedro para caçar no território. E através dessa amizade, Gabriel Francisco descobriu que Dom Pedro tinha interesse por cavalos. Veremos mais a frente, com mais detalhes, que o barão passou a produzir e vender os melhores cavalos tanto para a família real, como para a todos aqueles ricos fazendeiros, levando o nome de Cruzília já para todo o cenário nacional isso no início do Século XVIII.

Em âmbito nacional, no ano de 2009 foi promulgada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a Portaria nº127, que estabeleceu a chancela da Paisagem Cultural Brasileira, definida como uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores. (IPHAN, 2009).

E posteriormente foi iniciada a produção de leite que veio a influenciar, juntamente com a chegada dos dinamarqueses isso já no início do Século XX, a produção de queijos finos; ajudando na consolidação do território.

Portanto, é possível verificar que apesar das controvérsias que circundam o tema da paisagem, a superação da separação entre natureza e cultura e o reconhecimento e a valorização das relações existentes entre a paisagem e os saberes tradicionais permitem vislumbrar novas perspectivas às ideias tradicionais relativas à preservação. (PEREIRA; PARISI; & BERTOCO. 2015. p. 44)

Portanto, podemos admitir que os três principais fatores que este trabalho cita – o queijo, os cavalos Mangalarga e a indústria de madeira, constituem parte do patrimônio histórico e cultural da cidade. Segundo Mello Filho e Santos Júnior (2006), Baependi (lembrando que Cruzília fazia parte da cidade) apresentava uma alta centralidade em relação às outras cidades da região, essa centralidade se deu, pois Cruzília se tornou um centro de apoio para aqueles que trafegavam em longas cavalgadas pela estrada real (Cavalo principal e talvez único meio de transporte da época) isso na segunda metade do século XIX.

Os degraus intermediários e inferiores da Serra da Mantiqueira nos contrafortes do Planalto do Itatiaia já começam a apresentar o quadro típico de ocupação rural na região, com maior adensamento das atividades rurais nas baixas vertentes junto à drenagem. Por tais setores de encosta a mata nativa dá lugar aos costumeiros roçados, pastagens e algumas pocilgas para criação de animais. A agricultura se intensifica pelos Relações Entre Sociedade, Economia e Natureza em Âmbito Regional: as situações das microrregiões de Andrelândia, Itajubá e São Lourenço compartimentos interiores do Planalto de Campos do Jordão, onde o café, copiosamente cultivado em sistema morro abaixo, vem sendo o principal responsável pelo desgaste erosivo dos solos em municípios como Cristina e Carmo de Minas. (...) A partir de Cruzília em direção a norte, para Minduri, Carrancas, São Vicente de Minas e Andrelândia, tipificam-se as formas mais suavizadas da área em apreço, viciosamente destinadas à pecuária leiteira que ganhou assim forte tradição no estado. Estas áreas são de ocupação mais antiga, já sendo aproveitadas agricolamente de forma intensiva desde o século dezoito, fazendo por provocar impressionante depauperação das coberturas pedológicas, com erosões laminares severas extensivas e voçorocas de variados tamanhos e graus de estabilização, equitativamente distribuídas pelos municípios citados. A expansão de tal quadro é verificada além do rio



Grande, estando condicionada preferencialmente a áreas de ocupação de longo tempo, como Ouro Preto, Mariana, Andrelândia, São João Del Rey, Lavras e Barbacena. (ANDRADE e NETO. 2004. p.112-113)

Cruzília é destaque da produção de leite, e como subproduto o queijo. Isso se deve ao intenso desgaste sofrido no solo por conta das criações agrícolas, o solo desgastado, com pouca capacidade de cultivo, recuperação e já inapropriado ao plantio, pelo menos sem antes uma recuperação, deixando como única saída a criação de vacas para produção de leite e queijo. A estratégia deu certo, visto que o queijo Cruzília já foi premiado no concurso mundial de queijos; na França o queijo “Santo Casamenteiro” ficou em segundo lugar no evento *Mondial du Fromage*.

Não foi à toa que o criador do queijo decidiu investir em Cruzília com a sua fazenda. O leite de maior qualidade para fabricação de queijos, na época da criação da fazenda (1948) era o da cidade, a localização no alto da Serra da Mantiqueira contribuiu muito para essa qualidade. Outro queijo famoso na cidade é o chamado “A lenda” que tem todo seu processo de fabricação e maturação em segredo. Esses queijos citados são da atual administração da fábrica de Cruzília, antigamente, na década de 1940, administrada pelos dinamarqueses imigrantes, ainda com uma produção mais simples, mas que já influenciava na formação do território de forma incisiva.

O Barão de Alfenas, da Fazenda Campo Alegre, Sul de Minas iniciou a seleção do cavalo Mangalarga no povoado. Por ser ótimo em longas distancias e bom para andar na área rural a raça ganhou fama entre os estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Com o passar do tempo, algumas fazendas começaram a investir na criação da raça, no Sul de Minas e são elas: Favacho, Angahy, Traituba, Engenho de Serra e Campo Lindo. Quatro delas estão na cidade de Cruzília e é por isso que, hoje, a cidade é palco das melhores criações dessa raça de cavalo. A cidade e as fazendas criadoras dessa raça ganharam prêmios de melhor plantel do cavalo Mangalarga, do Brasil, há alguns anos. A cidade possui ainda um museu dedicado a história do cavalo Mangalarga.

Esse destaque à criação de equinos só foi possível, pois quando ainda era um povoado, Cruzília era um apoio aos que percorriam a estrada real (conforme citado anteriormente), tornando-se um local de mercado de vários

produtos e principalmente de cavalos. Com a identificação de uma oportunidade de crescimento, a criação e venda de bons cavalos tornou-se meio de vida. O sucesso da raça se difundiu pelo mundo, influenciando diretamente a formação territorial cruziliense através dos tempos.

Em relação à indústria moveleira os artesãos fazem obras que viajam por todo o Brasil, o maior destaque dessa indústria na cidade foi pela cadeira utilizada pela sua santidade Papa Bento XVI em sua visita pelo Brasil. Essa parte da economia do município é uma prática mais nova em relações às outras cidades, mas de muita importância, para o território cruziliense.

### **3 - MARCAS E REPRESENTAÇÕES NO TERRITÓRIO DE CRUZÍLIA-MG**

Os três elementos formadores do território de Cruzília podem ser apreendidos nos âmbitos materiais e imateriais, levando em consideração a dinâmica e econômica e política como também influenciando na dimensão cultural.

#### **3.1–Queijos Cruzília**

Os resultados desta seção do trabalho são baseados em entrevista realizada com o membro da família Sorensen, o senhor Júlio César. A Família Sorensen que foi a primeira família investidora em produção de queijos finos em Cruzília – MG. Uma família vinda da Dinamarca e que chegou à região de Cruzília no ano de 1922 com intuito de desenvolver um queijo novo, diferente. O comandante da família era o Senhor Thovar Nilsen. Nilsen, como era chamado, veio para a região quando já se tinha uma boa produção de leite de qualidade juntamente com um bom clima para produção. Toda essa informação estava disponível nas escolas dinamarquesas de laticínios, mas “seu Nilsen” foi o primeiro dinamarquês a ter iniciativa a vir para o Brasil e para região com o intuito de produzir queijos.

Em 1923 começaram os trabalhos de desenvolvimento do queijo e notando que a produção de queijos na região seria mesmo um grande negócio, em 1927, o “seu Nilsen” convidou um dos melhores laticinistas da Dinamarca à época, formado na escola de laticínios de Dalum, para vir para o Brasil. E, no fim de 1927, o Senhor Axel Thosin Sorensen chegou para trabalhar na primeira fábrica adquirida por Nilsen, que já era existente na cidade de Cruzília; a Fábrica de Queijos do Campo Lindo. A intenção era a fabricação de queijos nobres para venda, fazendo desta fabrica um investimento. Com isso, a fábrica sofreu alterações da produção de queijo minas frescal passou a produzir um queijo que passou a ser conhecido como queijo prato, o primeiro destaque de Cruzília sendo o primeiro lugar a produzir queijo prato no Brasil, em 1928.

Vale ressaltar que como deu muito certo, a chamado do “seu Nilsen”, pois ele comprara quase todas as fabricas da região, outros dinamarqueses vieram para região, são eles Jensen designado a fábrica de São Vicente de Minas,

Haans Noremose para a fábrica de Minduri, Gotfredesen para outra fábrica próxima a Cruzília sentido Caxambu, entre outros que se espalharam pela região. Depois de mais ou menos dois anos de produção Nilsen adoeceu, com uma doença muito grave; ele vendeu suas fabricas para seus laticinistas, ficando apenas com a fábrica de Cruzília. Após essa separação, Sorensen colocou todo seu conhecimento e talento em ação e iniciou a produção do, hoje famoso, queijo de Cruzília. Na época, a fábrica era chamada de “Dana Marca” e “Supremo”. Os queijos começaram a ser vendidos em São Paulo; nesta fase apenas o tipo “Prato”, e, com o sucesso, foram desenvolvidos novos tipos.

A responsável pelo sucesso foi a forma diferente de fabricação. Enquanto os outros produtores tinham o leite separado da fabricação do queijo, a nova marca reuniu o leite e o queijo na mesma indústria, com isso o processamento ficou mais barato e com maior controle da qualidade, garantindo o sabor do queijo, que ganhou renome na capital de São Paulo. Os queijos estepe, prato, Gouda, Mozzarella, Prato, Minas Padrão e meia cura, Gruyère foram produzidos na cidade de Cruzília nas fábricas: Fazendinha e Morro queimado. Júlio César, o entrevistado, administrava toda a produção de queijos. A fábrica de Cruzília sempre foi a principal, mas, era apoiada por fábricas menores, todas elas sob a mesma administração, processos e qualidade.

Em 1978 a fábrica foi vendida para cooperativa de laticínios de Resende. Dessa forma, a história da família Sorensen com a produção dos queijos terminou. Porém, os queijos de Cruzília são continuam queridos pelos críticos, até mesmo internacionais, devido a todo o investimento e estudo da administração anterior.

Após isso, a fábrica foi novamente vendida para a marca Marco Antônio Crescente, na década de 1990, porém continuou sendo “Supreme”. A marca foi vendida, porém mantidos o nome e os processos de produção. Mas, os processos sempre estiveram centralizados em Cruzília. No início dos anos 2000 os queijos Supreme, que representavam a fábrica de queijos de Cruzília, inexplicavelmente mergulharam em uma crise administrativa até decretarem falência.

Em 2009 após um longo processo de negociação juntamente a um longo processo judicial coletivo para pagamento das dívidas com funcionários da época da falência, o antigo prédio da fábrica de Cruzília foi a leilão no início de

2010. Em 2010 a família de Luís Sergio Medeiros, arrematou o antigo prédio e resgatou a fábrica de queijos de Cruzília, trazendo de volta toda a “magia láctea”, (expressão usada pelo mesmo em entrevista para a página da internet Hoje em Dia), que os dinamarqueses trouxeram para Cruzília.

A elaboração de novos tipos de queijos já rendeu diversos prêmios ao laticínio, que há cinco anos figura no topo do ranking nacional de queijos. O destaque fica por conta do queijo ‘A Lenda’ criado a partir da descoberta de um verdadeiro tesouro.

“Quando compramos o prédio, que estava abandonado há alguns anos, encontramos um cofre em um galpão cheio de entulho. Sempre tive curiosidade de saber o que tinha dentro. Um dia, chamei um serralheiro e, depois de um dia inteiro de trabalho com a furadeira, conseguimos abrir o cofre”, explica o dono da fábrica *Laticínios Cruzília*. “Além de documentos antigos, no cofre havia o desenho de uma prensa rudimentar e um pequeno frasco de fermento enrolado em um papel com os dizeres: ‘Sorensen. Contém três fermentos lácticos’. Eu abri e só tinha um fermento. Achei que já estava morto, mas meu funcionário insistiu em tentar reativar a sepa”, lembra o produtor. “Deu certo. Durante um ano, a fábrica replicou o fermento do cofre. Mandei fazer uma prensa igual à do desenho. Tivemos que improvisar porque vimos que o queijo precisava ser bem grande para ficar bom. A mistura leva 250 litros de leite e o queijo fica com uns 16 quilos”, diz Luiz Sérgio. O produtor diz que o nome surgiu quando começaram a curar o queijo. “Sempre ouvimos histórias de fantasmas na fábrica e meus funcionários começaram a dizer que os queijos estavam mudando de lugar à noite. Era colocado em uma prateleira no fim do expediente e aparecia em outra pela manhã”, comenta. “Eu brincava que aquilo era ótimo. Dizia que o Hans e o Sorensen estavam nos ajudando a curar os queijos, que ia ficar uma delícia. Daí, o batizamos de ‘A Lenda’ e ele ganhou o concurso de melhor queijo do Brasil em 2013”, completou.



Figura 5 - Queijo a Lenda

Com essas e outras histórias e receitas a fábrica cresceu e voltou a ser referência nacional em queijos. Isso se deve muito também à abertura de uma banca no mercado central de São Paulo, que leva para o maior centro econômico do país os queijos feitos em Cruzília. Para a cidade de Cruzília a fábrica hoje só se tem vantagens, matem e ainda explora a história da mesma e só faz com que a economia municipal cresça ainda mais, pois gera muitos empregos diretos e indiretos, e ainda transforma em polo turístico o município.

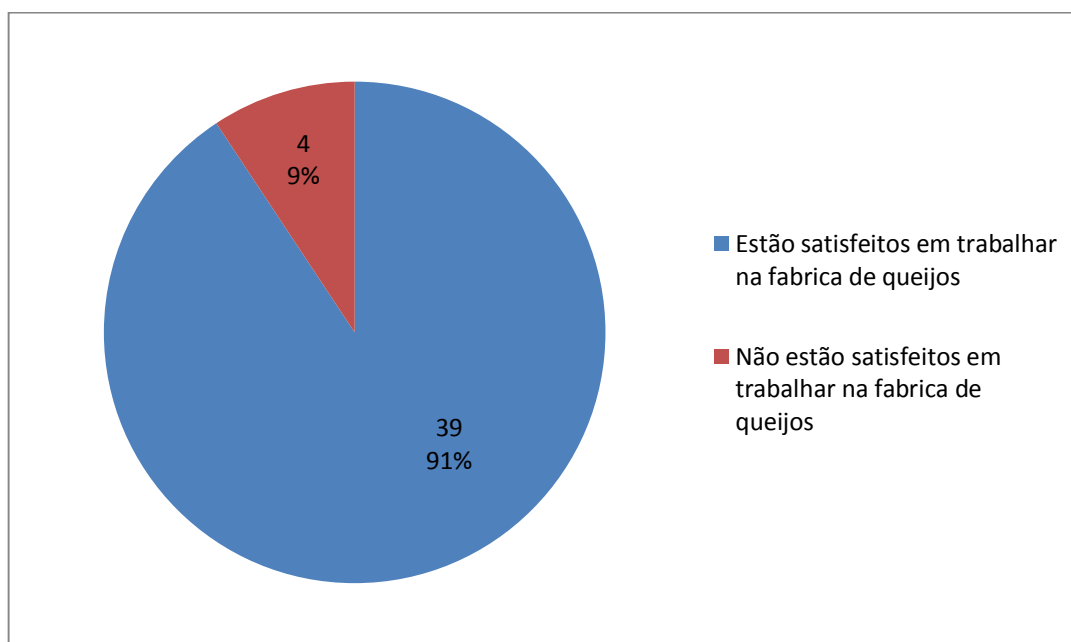
Atualmente são 122 funcionários, com 153 fornecedores de leite. São adquiridos 45 mil litros de leite diariamente, ou seja, quase toda a produção da região é direcionada para a mesma, gerando mais incontáveis empregos indiretos.



Figura 6 - Produção Fabrica de Cruzília

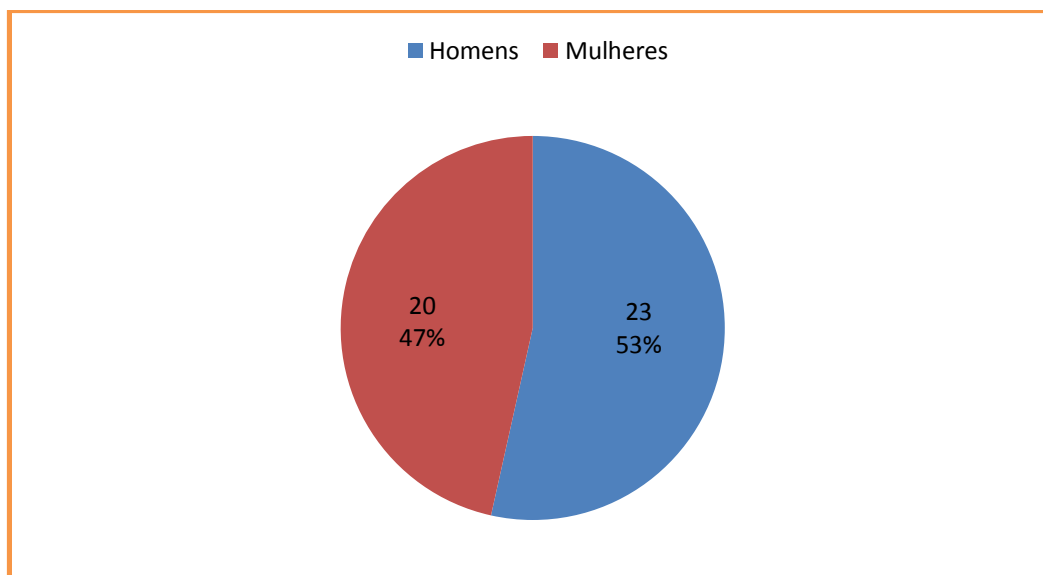
São produzidas 170 toneladas de queijos mensais, que são escoados para 23 estados brasileiros e estão sendo iniciados projetos para exportação para Europa e Ásia. Há ainda a loja própria da fábrica na cidade onde se pode encontrar o queijo para consumo imediato. São hoje fabricados 18 tipos de queijos, com destaque para, Queijo Azul de Minas, Gorgonzola, Brie, Gruyère, Emmental e Minas Padrão. Estas informações quantitativas foram fornecidas pelo atual chefe de produção e laticinista Leandro Furtado Ferreira.

Em entrevista com funcionários da fábrica de queijos Cruzília foram ouvidos 43 funcionários com perguntas pré-definidas, percebeu-se uma satisfação entre os funcionários em estar trabalhando na mesma (Gráfico 1), com algumas ressalvas. Pode-se identificar que alguns apesar de dizerem gostar de trabalhar na fábrica, em muito por ser a maior empresa da cidade, ao mesmo tempo não se veem valorizados, pois não há a possibilidade de crescimento dentro da empresa por meio de promoções, e ao serem perguntados sobre como mudar esta situação dizem acreditar que a fábrica poderia capacitar mais seus próprios funcionários, e também remunerá-los melhor, pois os mesmos veem um crescimento da mesma, entretanto, a remuneração não acompanha tal crescimento.



**Gráfico 1 - Satisfação em trabalhar na fábrica de queijos**

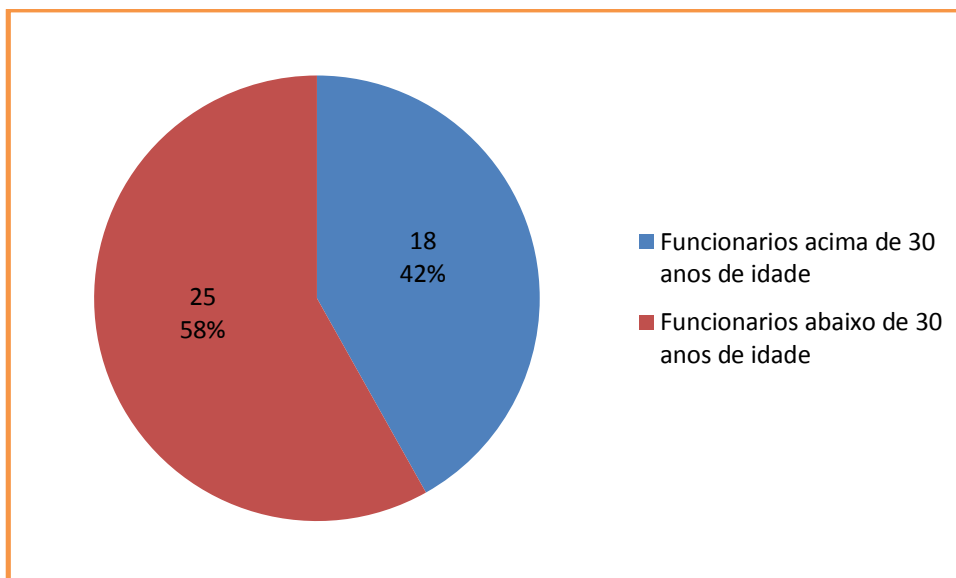
Deve-se ressaltar que o número de mulheres e homens trabalhando na fábrica de queijos é bastante homogêneo (Gráfico 2), ocupando, ambos, os mesmos cargos e funções, não tendo sido identificada, portanto, nenhuma tendência sexista.



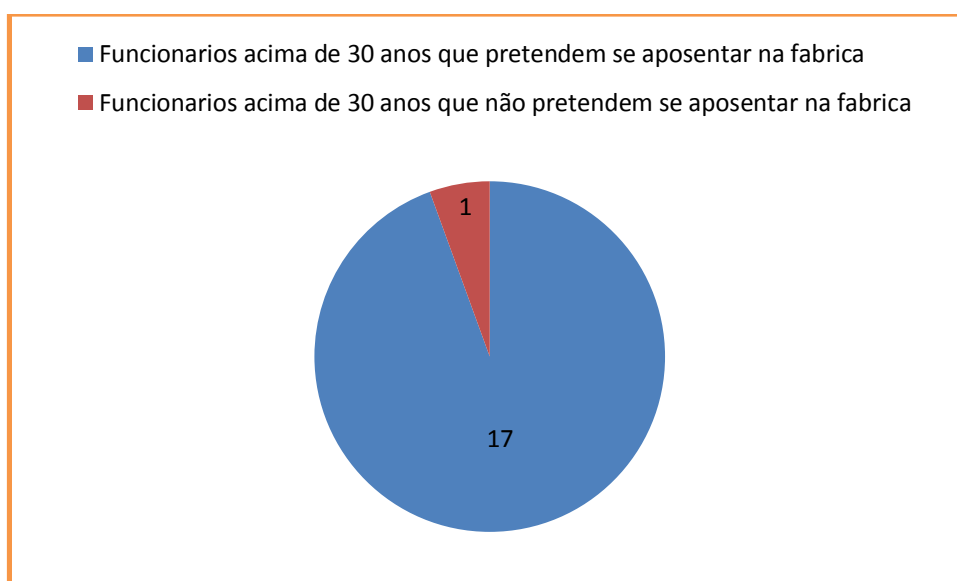
**Gráfico 2 - Sexo dos funcionários da fábrica de queijos**

A grande maioria dos entrevistados, menores de 30 anos, parece acreditar que o trabalho na fábrica é um emprego temporário. Esta opinião ocorre principalmente entre os mais jovens, que almejam, em um futuro próximo, se mudarem de Cruzília por acreditarem a cidade é muito pequena e sem perspectiva de crescimento social e econômico para seus habitantes. Já a maioria dos entrevistados mais velhos acima dos 30 anos já se veem trabalhando na fábrica de queijos até se aposentarem.

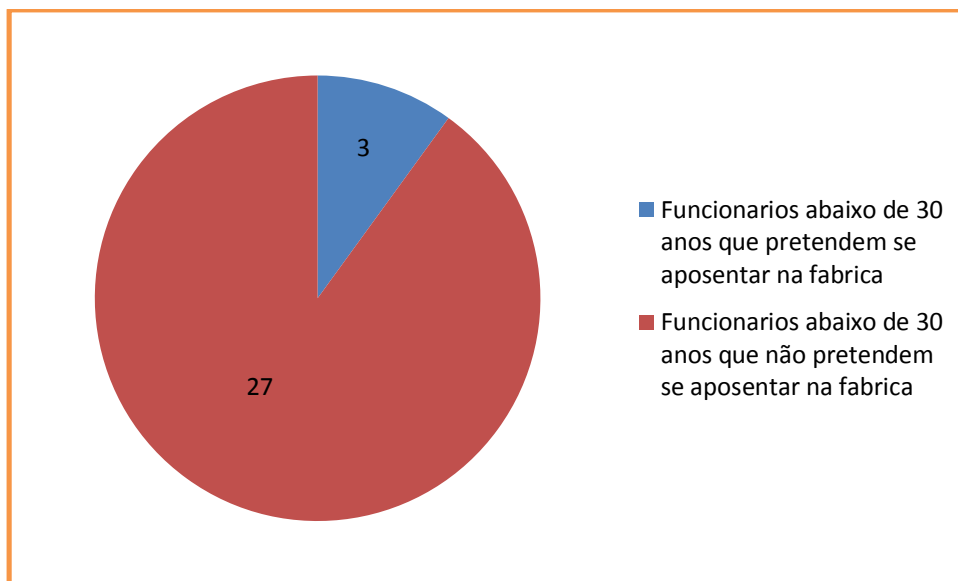




**Gráfico 3 - Idade dos funcionários da fábrica de queijos**



**Gráfico 4 - Funcionários acima de 30 anos que pretendem se aposentar trabalhando na fábrica de queijos ou não.**



**Gráfico 5 - Funcionários abaixo de 30 anos que pretendem se aposentar trabalhando na fábrica de queijos ou não.**

Dentro ainda da entrevista, todos, ao serem perguntados disseram que a fábrica cumpre todos os seus deveres trabalhistas não havendo informalidade na mesma.

Foram entrevistados também funcionários de empresas que fornecem o leite para fábrica, tratados como funcionários indiretos, ou seja, funcionários que trabalham para empresas que dependem da fábrica de queijos para estarem em funcionamento. Neste caso, todos, sem exceção, os entrevistados são trabalhadores que são donos do próprio negócio; eles mesmos tiram o leite e transportam até a fábrica de queijos, inclusive aos domingos, em todos os dias do ano. Estes trabalhadores afirmam em unanimidade que é melhor vender seu produto direto para a fábrica do que ao varejo, pois é uma certeza de venda e ainda por um preço melhor, não havendo desperdícios ou refugo na produção.

Com todas essas informações e conhecimento adquirido, só se reforça que a produção de queijos é imprescindível para o município econômica e culturalmente. Das teorias dos três autores abordadas anteriormente pode-se afirmar que duas delas vão se encaixar com a história e evolução da produção de queijos em Cruzília, Haesbaert e Raffestin. Com os princípios de território e territorialidade em pauta, mostra-se que a história da fábrica de queijos foi um fator importante na construção do território e principalmente da territorialidade cruziliense. Levando-se em consideração que é um fator econômico essencial

para o município e que traz elementos culturais para a população, apontados pelo entrevistado, pode-se afirmar que a produção láctea é fator preponderante na consolidação do território e constituição da territorialidade de Cruzília.

Na última década do século XX com a influência do laticínio *Queijos Cruzília*, foram criados mais dois laticínios na cidade, *Paiolzinho* e *Laticínios SM* (popularmente conhecido como laticínio do Cássio). Estes outros laticínios, que surgiram posteriormente, demonstram a criação de identidade e territorialidade do município como um polo queijeiro, fenômeno já discutido acima, mas que se ressalta no âmbito lácteo da economia municipal. Os laticínios citados não são produtores de queijos finos como o primeiro, mas, se destacam em produção de queijos mais populares de muita qualidade; eles também produzem outros derivados além dos queijos como iogurtes, requeijão, manteiga e outros.

Paulo Sergio, Proprietário do *Laticínios Paiolzinho*, em entrevista, diz que hoje já consegue empregar 43 funcionários e tem em torno de 50 fornecedores de leite. O mesmo diz que migrou do estado do Rio de Janeiro, mais precisamente da cidade de Volta Redonda, para investir em laticínios na região e diz que escolheu Cruzília, pois a cidade já era conhecida pela produção de laticínios e que seu clima é bastante propício para a produção de leite e queijos. Paulo Sergio teve grande apoio e inspiração na experiência profissional do pai, Paulo Roberto Nogueira, que por 30 anos prestou serviços na indústria de alimentos em uma empresa multinacional.

Com abundante riqueza o sítio *Paiolzinho* deu origem ao nome do laticínio, que é hoje uma das maiores e mais tradicionais empresas de empacotamento de leite pasteurizado e produção de iogurte da região do Sul de Minas. Além disso, desde 1996 o laticínio vende para todo o território nacional queijos com altíssima qualidade; e vem sendo reconhecido ao longo dos anos através de diversos prêmios em concursos nacionais. Em 2017, no Concurso Nacional de Produtos Lácteos, realizado pela EPAMIG, o laticínio ganhou o 1º lugar na categoria Queijo Gouda e o 1º lugar na categoria destaque com o Queijo Pataca, que será lançado em breve. Hoje o laticínio *Paiolzinho* já fornece o seus produtos para mais de 50 cidades, nos estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro.

Rodrigo Arantes, filho do proprietário, Cassio Arantes, do *Laticínios SM* já nos mostra uma outra realidade, os próprios proprietários tiram o leite e

produzem o queijo, além do proprietário Cássio, e do filho Rodrigo, também trabalham lá Rafael e mais 3 funcionários. A fábrica, de pequeno porte, tem como especialidades queijos mozzarella e nozinho, que são distribuídos, além do próprio município, em mais sete cidades na região num raio máximo de 50 km.

Vê-se então que a territorialização gerada pela primeira fábrica de queijos se reafirma ao incentivar a abertura de novos empreendimentos do mesmo ramo na cidade. Sendo que as fábricas de médio e pequeno porte são reflexos desta mesma territorialização da economia no setor e ao mesmo tempo são vetores de territorialização, levando a cultura local para outros horizontes.



**Figura 7 - Imagem aérea de Cruzília**

Indo mais a fundo, também é possível observar que a fábrica exportou territorialidade influenciando outras cidades da região, mostrando que através da economia e informação cria-se e exporta-se territorialidade mesmo sendo um centro de pequena expressão. Neste sentido o poder do município, advindo dos laticínios faz com que haja uma espécie de dominação sobre os outros, e a fábrica de queijos de Cruzília exerce um poder sobre as outras dentro da história, expressando a teoria de Raffestin também já abordada no trabalho. Os fluxos de redes abordados por Raffestin se apresentam quando se mostra que a fábrica já atende a outros Estados e tem projetos para exportar o produto para Europa e Ásia, expandindo sua área de influência e atuação por meio de redes comerciais.

### 3.2. Setor moveleiro

Cruzília é considerada um dos polos mineiros do setor moveleiro. Na cidade, estão localizadas mais de 40 fábricas (figura 8), entretanto durante a pesquisa de campo foram encontradas 32 fábricas. Devido ao fato de algumas fábricas serem localizadas junto às áreas residenciais e às residências dos proprietários, houve dificuldade para a localização de todas. O ramo moveleiro pode ser visto como um ramo econômico do município que impacta além da própria economia, movendo também aspectos culturais e promovendo impactantes alterações na paisagem local.

Historicamente, a indústria moveleira é um dos três pilares da evolução de Cruzília devido à alta capacidade que a cidade demonstrou na criação e execução de móveis “sob medida”, que são distribuídos pelo país todo, em especial nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Não se sabe muito ao certo quem foram os primeiros marceneiros a começarem a produzir móveis de luxo e artesanalmente feitos em Cruzília, pela pesquisa há várias versões para a história.



**Figura 8 - Marcenarias de Cruzília**

Qualidade foi o ponto que chamou atenção no início da história da madeira com a cidade, tudo isso começou no final da década de 1980 e consagrando-se em meados da década de 1990, porque os móveis eram fabricados manualmente, sempre com madeiras nobres e muito luxo. Um artesão que se

destacou nos últimos tempos foi Hilário Arantes, pois tem como especialidade a fabricação de móveis sacros, que são móveis usados em igrejas ou para cerimônias religiosas católicas. Quando da vinda do Papa Bento XVI, Hilário foi incumbido de produzir a cadeira que o papa usaria em uma de suas cerimônias.



**Figura 9 - Cadeira Papal Retirada do site da empresa Móveis Hilário**

Hoje, Cruzília continua na rota da indústria moveleira por ter grande parte de sua área reflorestada. No geral, são propriedades pequenas que já há algum tempo desenvolvem o programa de reflorestamento. Devido a geomorfologia da região – Relevo suave, lato solo, altitude superior a 800 m, precipitação anual e períodos chuvosos entre alguns meses em contra partida com temperaturas mais baixas – a área é uma excelente região para cultivo de Eucalipto, principal vegetação utilizada no reflorestamento.



**Figura 10 - Fazendas de eucalipto em Cruzília**

Com isso, há a redução de custos, porque a área está em constante trabalho de plantio, e dali mesmo se extrai a matéria prima e novamente, ali mesmo ela é plantada e assim é criado um ciclo. Durante todo o ano, sem que haja períodos escassos, há madeira disponível. A grande maioria dos materiais utilizados para replantio da madeira é geneticamente modificada para atingir alta produtividade, isso significa que há uma produção rápida e em grande escala. Isto é, madeira disponível sem controle. Esse material genético é produzido por empresas como Gerdau, Aperam e Votorantim e elas, é que levam a região um grande número de investidores.

Em conversa por e-mail com o gerente da Votorantim na cidade, Renan Ritter, foi possível obter algumas informações importantes.

Hoje a Votorantim tem seu escritório situado na cidade de Cruzília, cuida de 18 fazendas sendo 8 em Cruzília e mais 10 que estão espalhadas por outros municípios, são eles, Minduri, Aiuruoca, Baependi, Luminárias, São Thomé das Letras, São Vicente de Minas e Madre de Deus de Minas. São em torno de 300 funcionários e só em Cruzília por volta de 130.

Demonstrando que Cruzília vem ajudando outros municípios economicamente e ainda proporcionando uma melhor inter-relação municipal com cidades vizinhas.

Hoje a Votorantim faz o gerenciamento de todas as fazendas de grande porte do ramo em questão na região, incorporamos as

fazendas da Aperam e Guerdal no ano de 2017, por isso esse número expressivo hoje. Veio-se para essa região primeiro pelo alto consumo de madeira pelas marcenarias de Cruzília e pela facilidade de arrendar terras para a produção de eucaliptos. Mas essa madeira não fica só em Cruzília já escoada para a produção e celulose em outros estados, e a madeira propriamente dita também é exportada.

Através da cultura econômica dos móveis artesanais de luxo, Cruzília atraiu outras fontes de economia entrelaçadas na mesma seara, comprovando que foi promovida também a territorialidade moveleira e tendo sido desenvolvida a economia através deste fenômeno.

Dessa forma, a indústria moveleira se tornou um patrimônio social, não só para a cidade de Cruzília, mas também por toda a região. Em relação ao mercado externo, a região tem uma posição grandiosa. Grande polo consumidor porque mesmo com tantos investimentos e exploração de solo e madeira, ainda há terras disponíveis com valores baixos, permitindo a expansão da indústria moveleira. Não existem dados fixos, mas acredita-se que o setor moveleiro e de reflorestamento gera pelo menos dois mil empregos diretos e indiretos na cidade, outro fator que influencia diretamente na economia do município, e que também agrega muito para história e cultura local.

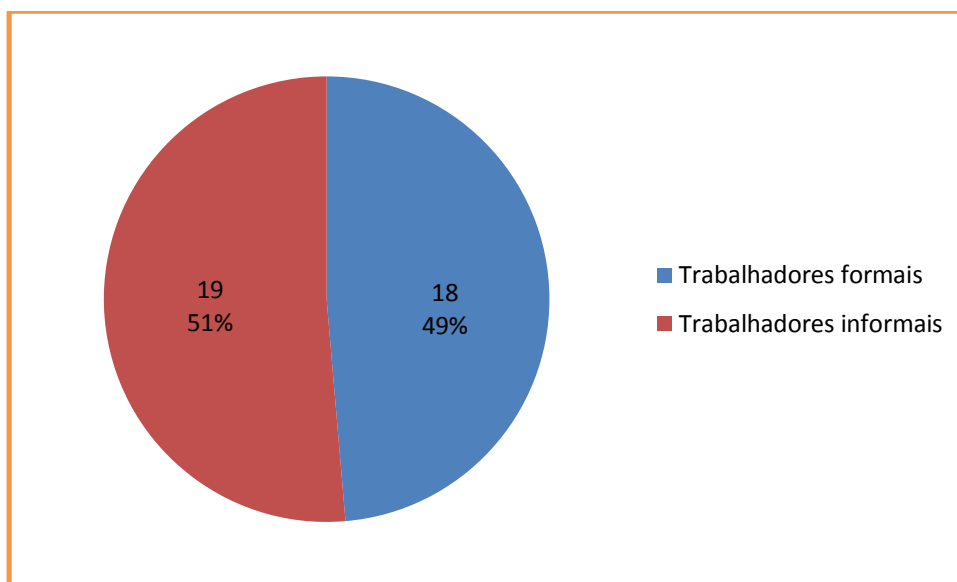
Foi entrevistado ainda Sandro Maciel, que é proprietário de uma fábrica de móveis com uma realidade de menor porte. Sandro diz que considera sua fábrica uma das menores, mas mesmo assim vende seus trabalhos quase que exclusivamente para cidades do estado do Rio de Janeiro. Sandro também ressalta que só tem três funcionários, e que as maiores fábricas de Cruzília empregam de 15 a 20 funcionários. Ele diz ainda que tem sua marcenaria há 10 anos, tendo iniciado o negócio em uma época de grande demanda, apesar de o mercado ter pirado um pouco nos últimos 4 anos em razão da crise financeira que atrapalhou, muito, a economia em toda a cidade. Mas ele confere este problema, também, ao fato de terem sido abertas muitas marcenarias informais, acirrando a competição, estas possivelmente criadas por desempregados das grandes fábricas.

Sandro também ressalta a vinda das empresas de reflorestamento para Cruzília, que além de movimentarem muito a economia local, fizeram com que a madeira, obra prima principal para o ramo, diminuísse muito de preço, devido à proximidade da produção, barateando os custos de transporte em função da aproximação com as marcenarias.



Em conversa, Rodrigo dos Santos, funcionário da marcenaria de Sandro, a *SM móveis*, diz que trabalha desde os 13 anos de idade em marcenarias da cidade, hoje aos 35, esta é a sexta marcenaria em que trabalha. Ele nos diz que quando começou em outra marcenaria era lixador e hoje já é um marceneiro profissional. Rodrigo nos conta que com todos os trabalhadores de marcenarias é assim, começam lixando e vão evoluindo. Sendo a profissão construída à maneira pré-industrial, através da passagem de conhecimento entre mestres e tutelados (ainda que estas posições tenham sido ligeiramente modificadas com o passar do tempo). Rodrigo, ao ser perguntado sobre como evoluiu profissionalmente para chegar até o patamar de hoje, nos diz que foi aprendendo dentro das próprias marcenarias, mas foi a experiência ganha no dia a dia que fez com que ele pudesse aprender a profissão, uma vez que não existem cursos de aperfeiçoamento profissional, nem nas grandes ou mesmo nas pequenas marcenarias.

Outros trabalhadores de outras marcenarias foram entrevistados, na sua totalidade de 37 trabalhadores, todos empregados, chamando a atenção para a existência de muitas marcenarias informais, ou seja, de fábricas e trabalhadores que não possuem registros na CTPS dentro dessas marcenarias, como manda a legislação brasileira.

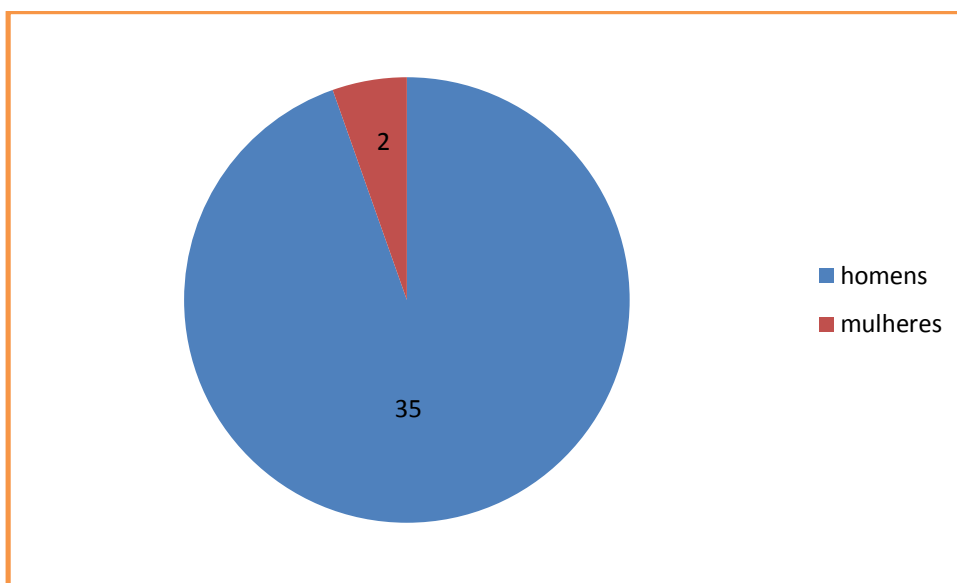


**Gráfico 6 - Trabalhadores Formais x Informais**

Isso se deu, segundo alguns entrevistados, em função da crise dos últimos anos, que fez com que as grandes marcenarias dispensassem muitos dos seus funcionários, e, conseqüentemente, que esses funcionários, sem outras opções de

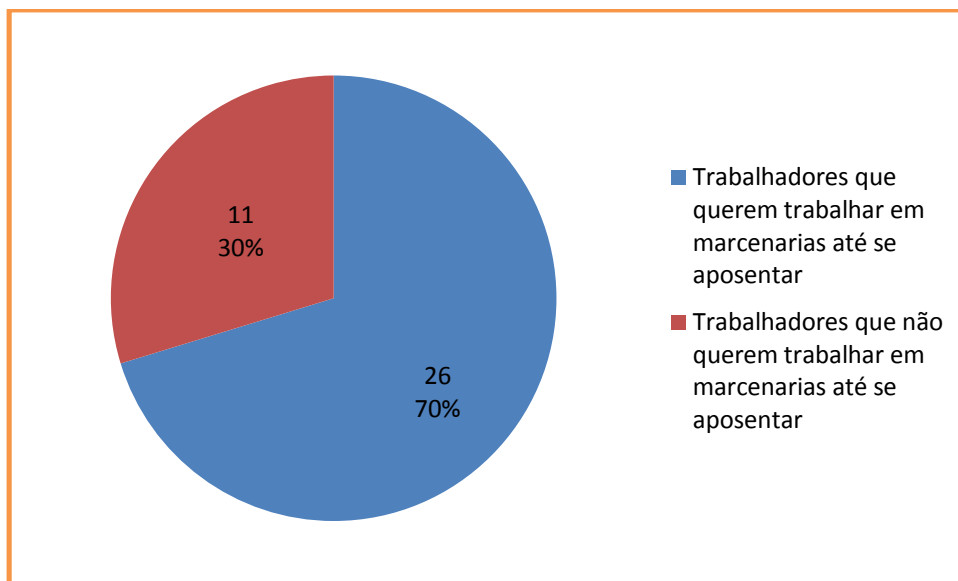
trabalho, abrissem suas próprias marcenarias informalmente. Entendemos que a economia externa à cidade influencia diretamente a economia do mesmo e que é possível que influencie também na dinâmica, e até na paisagem do mesmo.

Percebe-se que na linha produção das marcenarias encontram-se trabalhadores, quase em sua totalidade, homens de todas as faixas etárias; na sua maioria os mais novos são lixadores e ajudantes e; os mais velhos por sua experiência são executores e responsáveis pelos acabamentos. Mulheres só aparecem na área administrativa das empresas.

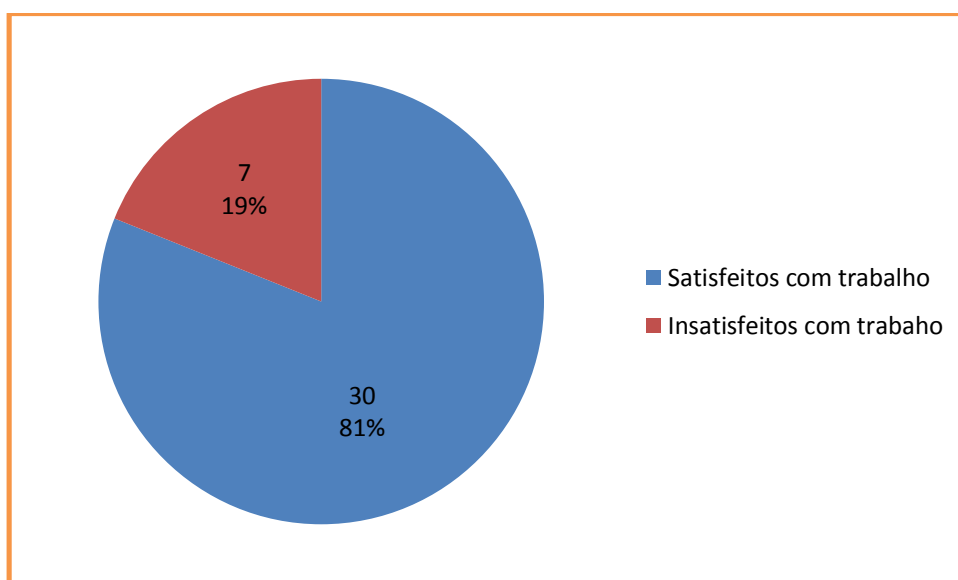


**Gráfico 7 - Mulheres x Homens nas marcenarias**

A maioria dos entrevistados se diz satisfeita com o trabalho demonstrando interesse em exercer a mesma atividade até o momento da aposentadoria; diferentemente dos funcionários dos laticínios, que em sua maioria pretendem mudar de emprego e cidade.



**Gráfico 8 – Projetos de trabalho a longo prazo em marcenarias**



**Gráfico 9 - Satisfação do trabalho na marcenaria**

A produção moveleira foi uma territorialidade que se criou através do fluxo de rede, teoria tratada por Rafesttin já discutida no trabalho. A teoria do fluxo de redes é explicitada pela abrangência da produção, pois ela se difundiu através da oportunidade de escoar o produto local para outros lugares, e demonstrar a identidade do território. A identidade desse território é refletida na territorialidade do mesmo, transformando-se assim a produção de móveis artesanais de luxo em uma identidade que territorializa e transporta territorialização local para outros espaços. Deste modo, confirma-se que qualquer território propriamente formado pode

exportar, principalmente através de seus produtos de destaque econômico, sua própria identidade.

### **3.3 - Cavalo Mangalarga Machador**

A história do cavalo Manga larga é de extrema importância para a formação da cidade de Cruzília. Segundo Domingos Lollobrigida Júnior, presidente da associação dos criadores de cavalos de Cruzília e Presidente do museu nacional do cavalo, o cavalo chegou ao Brasil em 1530. E com a descoberta do ouro e das riquezas no interior do Brasil, o cavalo veio a ser o melhor meio de transporte da época.

Antes de tudo o entrevistado explica que há uma ligação do cavalo brasileiro com todos aqueles militares que se transformaram em donatários do Brasil, militares que tiveram o primeiro contato com esse animal nas índias arquipélagos de Açores e Cabo Verde, muito antes de virem ao Brasil, onde já foi comprovado que foram adquiridos os primeiros cavalos portugueses da história, mas ainda um cavalo e sem raça sem marcha.

Com a instituição das capitanias hereditárias os donatários, ex-militares, trouxeram esses cavalos para o Brasil por volta de 1530, poucos sabem que os portugueses dominaram por séculos o comércio de cavalos na Ásia e Europa. Como já dito, mas importante ressaltar, Cruzília como passagem de muitos caminhos, como a estrada real, entre outras, aqueles que chegaram por aqui começaram a criar. Em 1730 os primeiros criadores de cavalos, já interessados no fluxo de viajantes que passavam à época pela Encruzilhada e com possíveis necessidades de cavalos, chegaram à região. O primeiro grande criador não só de cavalos, mas também de porcos e gado foi o português José Garcia Duarte, conhecido por José Garcia do Angahy, Angahy nome de sua grande fazenda constituída na época.



**Figura 11- Fazenda Angahy e sua tropa – Autor Rafael Meirelles**

José Garcia já criava bons cavalos, um cavalo conhecido por “colonial”, já diferenciado daqueles oriundos das conquistas portuguesas, geneticamente mestiçado com outros. Uma espécie que chegou a um ponto ótimo para época em relação à qualidade. Alguns anos depois, paralelamente a José Garcia, chegou a Cruzília José Francisco Junqueira que se alocou na também grande fazenda Campo Alegre. Com o comércio não só de animais, mas principalmente de escravos a família Junqueira se enriqueceu muito, e quanto mais dinheiro se tinha na época mais privilégios também, e do mesmo modo com os cavalos. Com o passar dos tempos os filhos de Francisco Junqueira foram se tornando grandes ícones financeiros e políticos da cidade, mas um se destacou, Gabriel Francisco Junqueira. Gabriel não foi o mais rico, mas foi o mais influente politicamente, foi vereador das bandas da época. Com essa influência, e com a chegada da família real ao Brasil ficou amigo dos mesmos em 1812<sup>1</sup>. A partir de sua amizade com a família real, Gabriel Francisco já com sua fazenda independente no campo alegre, conseguiu um cavalo nobre vindo da Europa de presente, e é então que começa a história do cavalo Mangalarga Marchador.

Com este presente nobre Gabriel Francisco, que posteriormente se tornou o Barão de Alfenas, trouxe o cavalo nobre, grande e forte, para cruzar com suas éguas marchadeiras coloniais, e assim surgiram os primeiros cavalos Mangalarga Marchador no Brasil. Posteriormente, três fazendas eram responsáveis pelos cavalos Mangalarga: Fazenda Favacho, Cafundó e Boa vista. As fazendas Traituba e Angay também foram importantes nesse processo.



---

<sup>1</sup>É necessário, aqui, ressaltar que com a chegada da família real em 1812, ao ver a péssima qualidade dos cavalos que se tinha por aqui, os mesmos mandaram vir cavalos nobres da Europa, sendo esta a primeira vez em que foram importados cavalos de raça ao Brasil.

## Figura 12 - Casarão Fazenda Favacho

Os cavalos foram levados para a cidade do Rio de Janeiro, até então capital, e começaram a chamar atenção de criadores e apaixonados por cavalos por sua beleza, porte e pelo fato de marcharem. O cavalo Mangalarga ficou 150 anos sem receber qualquer traço genético de outras raças estrangeiras. Nos dias atuais, possui duas variedades: Mangalarga Marchador e Mangalarga Paulista, ambas desenvolvidas em Cruzília. E então, a cidade se tornou atração não só de visitas, mas também de estudos, pesquisas e investimento nas fazendas de criação e cruzamentos genéticos.



Figura 13 - Logo Clube do Cavalo de Cruzília

O clube do cavalo de Cruzília hoje tem em torno de 150 criadores associados, mais de 5 mil animais registrados e é estimado que hajam mais 80 criadores não associados e pelo menos 7 mil animais não registrados em Cruzília. Como não há um estudo direto, também se estima que a criação de cavalos na cidade provenha pelo menos mil empregos diretos e indiretos na cidade, demonstrando sua importante participação na economia do município. Além de sua história e geração de emprego, a criação de equinos faz com que o turismo do município se movimente, trazendo capital externo e reconhecimento nacional e internacional para o município.



**Figura 14 - Cavalo da raça Mangalarga Marchador**

Devido a toda a dedicação dos criadores de Cruzília, o cavalo Mangalarga se tornou importante nacional e internacionalmente. Fazendo de Cruzília, a cidade raiz e sede desta raça, contribuindo para a expansão da cidade e sendo um dos maiores responsáveis, junto com o queijo, pela evolução histórica da cidade.

A importância do cavalo para cidade é tanta que há um museu inteiramente dedicado a contar a história dessa raça, desde o início da chegada da família Junqueira à Cruzília, com fotos e registros históricos.



**Figura 15 - Museu da história – Cavalo Mangalarga Marchador**



**Figura 16 - Por dentro do museu**



**Figura 17 - Por dentro do museu**





**Figura 18 - Por dentro do museu**

A criação de cavalos em Cruzília e sua história consegue passar pela teoria de território e territorialidade perante as ideias dos três autores abordados no trabalho de forma geral. O princípio da história aqui documentada mostra a criação do território e da subsequente territorialidade, constituindo a identidade da produção de cavalos nas antigas fazendas Cruzília. Essa produção gerou poder para os produtores que através do mesmo conseguiram privilégios políticos, e esses criadores e suas famílias foram no princípio (da história do município) os políticos mais importantes da região, e quem, conseqüentemente, criavam e ditavam o fluxo econômico e de informações, ou seja, os dominantes do território e criadores de territorialidade. A fama de criação cavalos foi também importante pois leva a identidade do município para outros lugares, e atraindo interesses seja no turismo ou na economia para o município, e como consequência trazendo territorialidade de outros lugares pra o município, movendo o fenômeno da re-territorialização.

#### **4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após análise da formação do território da cidade de Cruzília, de sua história e localidade, o resultado encontrado foi um tripé sustentado pela criação de cavalos da raça Mangalarga Marchador; pela Fabricação de produtos lácteos, tendo na Fábrica de Queijos Cruzília seu mais eminente membro e; pela indústria moveleira, produtora de móveis de luxo em madeira.

Sendo, o principal fator de reconhecimento da cidade a criação da raça Mangalarga, este pilar da cultura local abriu as portas da cidade para o conhecimento internacional. A história que começou em 1530, mas tem consequências até os dias de hoje é significativa para o progresso econômico verificado ao longo dos anos. A indústria marceneira, outro dos pilares da história local, está presente não só na fabricação, pelas mãos dos artesãos e pelos trabalhos de alta qualidade e reconhecimento crítico, mas, principalmente, pelo fato de o plantio da madeira para uso como matéria prima, bem como para o carvão também, ocorrerem no próprio território municipal e em seus arredores, o que a torna uma indústria não só de qualidade e excelência, mas ecologicamente responsável. Através do investimento de grandes empresas, como Votorantim e Gerdau, a região em que Cruzília está situada se tornou parte significativa de um ciclo madeireiro; e este, favoreceu a evolução econômica da cidade.

Devido à sua importância histórica e econômica, o ponto do tripé que mais se destacou foi a indústria dos queijos. Apesar de ter seu início comum, com fabricação de queijos populares – como mozzarella e prato para lanche – a preocupação com a qualidade e a busca por se tornar um diferencial, fez com que as empresas conquistassem destaque na fabricação de queijos nobres, que foram trabalhados durante anos pelas empresas originais e por suas sucessoras no ramo. Com todo o investimento moderno, mas sem abandonar os costumes antigos, o Queijo Cruzília conquistou espaço internacional ao garantir o segundo lugar no concurso realizado na França, o “Santo Casamenteiro” foi reconhecido por sua qualidade e sofisticação. Apesar de a produção do queijo tipo gorgonzola ter sido abandonada há anos atrás pela então marca Supreme, o estudo sobre o queijo continuou, resultando na criação do, hoje, famoso “Santo Casamenteiro” que, ironicamente, é um tipo de gorgonzola cremoso. São, portanto estes os três

pilares que sustentam, em conjunto, e garantem a criação de outro fator de expansão da territorialidade cruziliense: o turismo.

Com toda essa relação, entre os três principais e maiores fatores de crescimento da cidade de Cruzília fica claro que o processo de criação de um território é produzido a partir de um movimento histórico e ações simultâneas. Pois, há uma consonância de movimentos materiais e culturais, cotidianamente, que resulta no fracasso ou no sucesso de um local. É através dessa dinâmica que são inseridas na realidade da cidade pequena novas mentalidades e materialidades. Transformando o território, transformação esta, que, no caso de Cruzília, tem-se apresentado na forma de sucesso histórico, econômico e turístico.

Vê-se, portanto, que território, poder e economia são três conceitos intimamente relacionados, que interagem em função de definir as características de determinado local. A territorialidade; conforme exposta através das teorias de Rogério Haesbaert (1999), Marcelo Lopes de Souza (1999) e Claude Raffestin (poder); é o elemento resultante desta interação. Teorias deterministas afirmariam que as condições geográficas e climáticas de determinado território seriam decisivas na definição do sucesso econômico e populacional deste. Aqui vemos que mais do que apenas as questões geoclimáticas, é a combinação de diversos fatores que permite a produção de tais resultados. No caso de Cruzília, a territorialidade, como descrita por Haesbaert, se manifestou através da manifestação climática, somada à localização geográfica estratégica (na Estrada Real) e da presença de indivíduos possuidores de tendências e conhecimentos para desenvolverem as três áreas econômicas que ali se destacaram.

O fator imigrante permitiu a presença de indivíduos com o conhecimento, já antigo na Europa, acerca da manipulação do leite e da produção de queijos finos; a abundância de matéria prima, especialmente devido ao seu caráter rural, permitiu o desenvolvimento de uma indústria moveleira que evoluiu ao longo dos tempos, aprimorando-se; e, por fim, este mesmo caráter rural favoreceu o desenvolvimento da criação de cavalos de raça (Mangalarga), raça esta criada e aprimorada na região. À exemplo do movimento histórico de reaquecimento das rotas comerciais experimentado no final da Idade Média, em que as cidades voltaram a ser centros de comércio e concentração de pessoas, a grande maioria

das cidades brasileiras do interior se formou de modo semelhante, pela concentração de pessoas e pelo estabelecimento de rotas comerciais. O elemento econômico é aqui somado ao elemento geográfico para que se constitua a territorialidade. Uma localidade de clima ameno, situada em uma região conhecida como “mar de morros” e que se localiza na rota da Estrada Real, Cruzília surgiu pela concentração de trânsito de pessoas e fixação de profissionais dispostos a prestarem serviços aos transeuntes.

Deste modo, o surgimento desta cidade mineira pode ser relacionado àquele processo de revitalização das cidades promovido pela chegada da Modernidade à Europa, no final da Era Medieval. A formação dos centros de poder nestas localidades também seguiu o mesmo padrão. Os detentores de capital, produzido e acumulado localmente tornaram-se os detentores de terras locais e a associação deste capital material e imaterial (conhecimento para a produção) aos atributos locais permitiu a consolidação dos polos de poder locais. A economia cruziliense se desenvolveu com base naqueles três pilares que permitiram o desenvolvimento, nos dias atuais, do setor turístico e também de outros setores da economia, alinhados ao fornecimento de matérias primas àqueles e também de bens de consumo tanto à população transitória quanto aos indivíduos investidos na manutenção do tripé econômico-cultural.

Daí desenvolve-se outro viés da territorialidade; para além da questão econômica a territorialidade possui características culturais, que, atreladas à produção daqueles itens, estabelecem a moldura que enquadra a identidade deste local. Assim a territorialidade de Haesbaert pode ser, em último caso, definida como identidade. Identidade esta dotada de três vieses; o econômico, o político e o cultural. O domínio de um ou mais destes bens simbólicos pode levar o indivíduo a deter certa gama de poder local, fazendo com que as redes familiares tendam a dominar econômica, cultural e/ou politicamente o poder local, fundando verdadeiras dinastias locais. Cruzília manifesta esta identidade através dos cavalos da raça citada, da produção de queijos (especialmente os queijos finos) e da produção de móveis de luxo em madeira. Esta cidade possui portanto uma territorialidade tríplice, que uma vez reconhecida fora de seu território, é exportada para a região e até mesmo para fora do país, fazendo com

que a territorialidade deste local se expanda para limites além dos imaginados pelos produtores iniciais que ali se estabeleceram e iniciaram seus negócios.

A geografia é então o meio que nos permite reconhecer a territorialidade de Cruzília. Através das teorias anteriormente citadas, nos foi possível identificar as características locais, delinear suas feições e determinar as formas através das quais a cidade desenvolveu sua territorialidade. Como esta foi ampliada para a região próxima a Cruzília, através da Influência da produção leiteira e queijeira, do cultivo de madeira para a produção carvoeira e moveleira e da criação de equinos de raça. Territorialidade esta que foi expandida para além dos limites regionais, chegando a outros estados, países e até mesmo continentes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPONE, Paola; LANDGARF, Paulo Roberto Côrrea - Evolução histórico-Cultural e paisagística da fazenda Traituba – Cruzília MG –Universidade Federal de Lavras. 2013

CHAVES, Edneila - A criação de vilas em Minas Gerais. N Universidade Federal Fluminense. (2012)

COSTA, Rogério H. da. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011

CUNHA; Alexandre Mendes; Godoy, Marcelo Magalhães - O espaço das Minas Gerais-PROCESSOS DE DIFERENCIAÇÃO ECONÔMICO-ESPACIAL E REGIONALIZAÇÃO NOS SÉCULOS XVIII EXIX. (2003)

DE ANDRADE, Alexandre Carvalho; NETO, Roberto Marques - RELAÇÕES ENTRE SOCIEDADE, ECONOMIA E NATUREZA EM ÂMBITO REGIONAL: as situações das microrregiões de Andrelândia, Itajubá e São Lourenço–MG.(2014)

FILIFE, Alexandre Petusk - DEFINIÇÕES DO CONCEITO DE TERRITÓRIO .(2002)

PAIVA, Clotilde Andrade; GODOY, Marcelo Magalhães - Territórios de contrastes – Economia e sociedade de Minas Gerais século XIX. (2002)

PEREIRA, Larissa de Sousa; Parisi, Rosana Soares Bertocco - FAZENDAS DO SUL DE MINAS GERAIS NO BRASIL: POSSIBILIDADES DE PRESERVAÇÃO E GESTÃO – 15º SIACOT – Equador. 2015

SAQUET, Marco Aurélio -As diferentes abordagens do território e a apreensão do movimento e da (i)materialidade. São Paulo –Expressão Popular. 2010

SOUZA, Marcelo José Lopes. O território sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: Geografia: conceitos e temas. Paulo César Costa Gomes, Roberto Lobato Corrêa. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. p. 77 – 116.

STRAFORINI, Rafael - A Invenção dos Caminhos Reais do Ouro: Formação Territorial e as Estratégias de Apropriação Territorial dos Eixos de Circulação no Século XVIII - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) CAMPINAS – UNICAMP EDITORA. 1992  
<http://www.moveishilario.com.br/site/> visitado em 08/06/2018

Museu da história do cavalo Mangalarga – Cruzília MG  
<http://www.cruzilia.com/site/historia-do-cavalo-em-cruzilia> Acessado em 8 de Abril de 2018.

<http://www.harassingular.com.br/index.php/o-mangalarga/historia.html>  
Acessado em 20 de Fevereiro de 2018.

<http://www.painelflorestal.com.br> Acessado em 1 de Abril de 2018.

<http://guiadaestradaeareal.com.br/mapa/> Acessado em 04 de junho de 2018

Domingos LollobrigidaJunior – A história dos cavalos Mangalarga Marchador em Cruzília - Entrevista realizada em (18/11/2017)

Julio Cesar de Almeida – A importância dos Queijos para a cidade de Cruzília- Entrevista realizada em (18/11/2017)